



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

Edição Especial
em homenagem
ao Centenário
de Paulo Freire

Professor

FORMADOR DE PROFISSÕES

Revista produzida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



*“Quando a educação não é libertadora,
o sonho do oprimido é ser opressor.”*

Paulo Freire

A pedagogia da tolerância

**Aprendo com o diferente
Ser diferente é normal.
Educação e liberdade são atos de reflexão
coletiva
Somos gente que batalha,
Que estuda que alegra.
Vamos nos embriagar no humanismo
esperançoso**

**Amorosidade pelo respeito a diferença,
Somos gente,
O meu próximo é gente, mas a
Minoria são ignorados em seus sociais
E em seu valor cultural.
O ódio pelo diferente é profundamente
desumanizante**

**Para uma relação harmoniosa cada vez
melhor
Liberdade é respeito
Com nosso colega, amigo, irmão.
A vida sem rótulo é melhor
Conviver estar sendo um dos maiores
desafios na contemporaneidade**

**Educação não é só estudar
A libertação é um ato de conhecimento
“De uma reflexão crítica” Sobre sua forma
de estar sendo!
Lutar sempre por uma educação com
liberdade!**

*Francisco Romário Cunha da Araújo é Mestrando
em Educação - PPGE/UEMA.*



A Revista Professor Formador de Profissões é uma publicação anual do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus São Luís. Seu objetivo principal é divulgar pesquisas e práticas desenvolvidas por professores e pesquisadores na área de educação.

A essência deste número foi homenagear o notável pensador brasileiro, Paulo Freire, possuidor de vários títulos Doutor Honoris Causa. É Patrono da Educação Brasileira e muito respeitado no mundo todo, além de ser considerado “Patrimônio Documental da Humanidade” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco).

Comemorar os 100 anos de Paulo Freire é mais do que necessário pelo indispensável reconhecimento do valor, da importância do pensamento, da obra e de tudo que ele representa para a educação brasileira.

O que nos chama atenção é a atualidade e a pertinência do pensamento de Paulo Freire para o projeto político de formação de professores no Brasil. O pensamento dele traz um conteúdo tão atual que evoca a luta contínua por uma educação crítica, reflexiva, política, emancipadora, transformadora e de qualidade social para todos.

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “*não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais*”, como enfatizou o mestre Paulo Freire.

Compete-nos reafirmar à concepção freireana de resistir e insistir, sem dicotomizar essas duas ações e viver ensinamentos a favor da dignidade e do direito à vida e à educação.

Este número especial é dedicado a Paulo Freire pelo o que seu legado representa para todos que pensam em uma educação que liberta e humaniza.

Ana Lúcia Cunha Duarte
Coordenadora do Mestrado em Educação





REITOR

GUSTAVO PEREIRA DA COSTA

VICE-REITOR

WALTER CANALES SANT'ANA

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO

RITA DE MARIA SEABRA NOGUEIRA

PRÓ-REITORA DE INFRAESTRUTURA

FABÍOLA DE OLIVEIRA AGUIAR

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

ANTÔNIO ROBERTO COELHO SERRA

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS

PAULO HENRIQUE ARAGÃO CATUNDA

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

ZAFIRA DA SILVA DE ALMEIDA

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

JOSÉ RÔMULO TRAVASSOS DA SILVA

DIRETORA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS

MARIA GORETTI CAVALCANTE DE CARVALHO

COORDENADORA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA LÚCIA CUNHA DUARTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG

CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

CURSO DE PEDAGOGIA

Cidade Universitária Paulo VI - Av. Lourenço Vieira da Silva, 1000

Jardim São Cristóvão – CEP 65.055-310 - São Luís-MA.

www.ppge.uema.br

Uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Professor - Formador de Profissões - ISSN 2447-634X

PPGE

Mestrado Profissional em Educação

EXPEDIENTE

PROJETO GRÁFICO

Almenbergues Jales

FOTOGRAFIAS

- Almenbergues Jales
- Banco de Imagens
- Algumas imagens de domínio público a partir da internet

TEXTOS

Os textos contidos nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores.

JORNALISTAS

RESPONSÁVEL

Giuliano Villa Nova

EDITORAS EXECUTIVAS

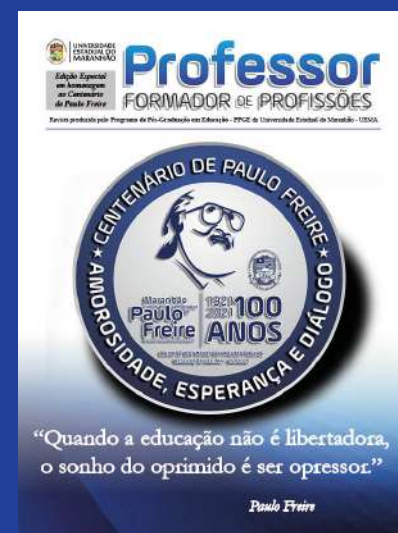
Ana Lúcia Cunha Duarte
Heloísa Cardoso Varão
Sanny Fernanda Rodrigues
Terezinha de Jesus Amaral

REVISÃO FINAL

Kallyne Kafuri Alves

IMPRESSÃO

500 exemplares



Uma das maiores referências brasileiras no campo da educação, citado e estudado mundialmente, o filósofo, o pedagogo, o escritor, Paulo Freire (1921-1997), ainda ecoa fortemente nas discussões sobre pedagogia e educação. ‘Pedagogia do Oprimido’, escrito em 1968, é o terceiro livro mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades em todo o mundo. Países como a Finlândia, referência mundial na qualidade do ensino; África do Sul, Áustria, Alemanha, Holanda, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Suécia homenageiam e prestíam a figura do educador brasileiro.

No ano em que se celebra 100 anos de Paulo Freire, a obra e o legado desse educador traduzem aquilo que mais do que nunca deve ser considerado no processo de educação: a humanização a partir da reciprocidade entre as pessoas e a elaboração e a apropriação crítica da realidade por parte de todos que estão inclusos nesse processo. Não há possibilidade de mudança social sem a perspectiva de compreensão do mundo a partir de uma educação humanizadora.

Freire (1983, p. 104), ao pensar a educação como “um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate”, busca que todos nós compreendamos a importância da educação como forma de libertação humana, por meio de um processo dialético que pressupõe a interrelação entre o necessário conhecimento da realidade pela “leitura do mundo” e pela “leitura da palavra” de forma indissociável.

“Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”

(FREIRE, 1983, p. 79). A educação assume o papel de possibilitar a transformação do homem e de seu “*status quo*” por meio da interação proporcionada nas relações humanas na prática educativa em que o amor, como uma condição para o entendimento entre os homens, e a esperança, início da busca para a educação, devem ser a base para a superação da acomodação, para a formação e a promoção dos educandos.

Nunca tais princípios foram tão pertinentes para o momento em que vivemos. Os ensinamentos de Freire sobre o sentido e o significado da educação, como ação constitutiva de nossa humanidade, com a necessária compreensão da totalidade da existência do homem como ser social em constante devir, consideradas todas as suas dimensões e realidades, representam ainda hoje princípios norteadores, mobilizadores e transformadores de possibilidade de (re)humanização do homem. Uma educação que liberta, desaliena, que nos ensina a pensar, refletir e compreender o mundo com criticidade.

A Paulo Freire, o reconhecimento da Universidade Estadual do Maranhão.



Sumário

Tecnologias, ferramentas a serviço da transformação social

Página 07

Ensinar exige Paulo Freire

Página 10

Ensino da leitura e da escrita traz reflexões sobre a formação docente

Página 12

Novos olhares sobre os saberes e práticas docentes

Página 14

Os ensinamentos de Pedagogia do Oprimido

Página 16

Uma obra que inspira a práxis comprometida

Página 18

Educação nas prisões: reflexões e transformação

Página 20

Reflexões sobre a formação continuada dos Coordenadores Pedagógicos da EJA em São Luís

Página 24

Um legado vivo e enriquecedor

Página 28

Paulo Freire e a Educação Ambiental: um exercício nos quintais

Página 33

Um reencontro com Paulo Freire

Página 37

A práxis de Paulo Freire na formação de docentes

Página 40

Decolonialidade do pensamento de Paulo Freire é uma das marcas de "Pedagogia do Oprimido"

Página 42

Paulo Freire e a Educação a Distância: uma prática educativa que se aproxima dos sujeitos

Página 44

Gestão com Autonomia e Empatia

Página 46

O uso das tecnologias digitais na Educação durante o ensino remoto, sob a ótica de Paulo Freire

Página 48

Diálogo pedagógico: uma mudança educativa, a partir da promoção de reflexões

Página 50

Tecnologias, ferramentas a serviço da transformação social

Pesquisadora Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues explica de que maneira as reflexões trazidas por Paulo Freire sobre os avanços tecnológicos e suas aplicações em sala de aula podem ajudar os educadores a utilizar corretamente essas inovações, na construção de seres mais conscientes de seus direitos e seu papel na sociedade

Paulo Freire não viveu para ver tudo o que as tecnologias se tornaram em nossos dias. O educador, que morreu em 1997, observou o início da utilização dos computadores, mas não teve de lidar com questões mais profundas, como as contradições da internet, das redes sociais, os benefícios dos meios multimídia associados às disciplinas presenciais e muitas outras aplicações dos avanços tecnológicos em sala de aula. No entanto, em algumas de suas obras, Freire colocou seu pensamento crítico-reflexivo a serviço do necessário pensar e agir sobre a educação – inclusive relacionados à tecnologia.

Em seu pensamento e nas suas bandeiras de lutas pela conscientização, ele propôs sempre o questionamento das coisas, e não poderia deixar de abordar o propósito da entrada das “máquinas na escola”, uma vez que sua “pedagogia”, se baseava numa pedagogia do cotidiano imediato do sujeito cognoscente, revelando suas condições que deviam ser desdobradas e apreciadas, especialmente politicamente.

“Esse posicionamento reflexivo e crítico não o coloca como contrário ao

progresso da ciência, da tecnologia e da inovação na escola e na educação, pois ele se considerava um homem de seu tempo, e não um exilado dele. Paulo Freire nos convida ao debate sobre o que representa a entrada de aparelhos no cenário educacional, num posicionamento que nos afasta da simples aceitação da tecnologia, e nos convida a conhecê-la para entendê-la, se apropriar dela para criticá-la, questioná-la e usá-la para transformar o real, na direção de uma transformação social”, explica a pesquisadora Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues.

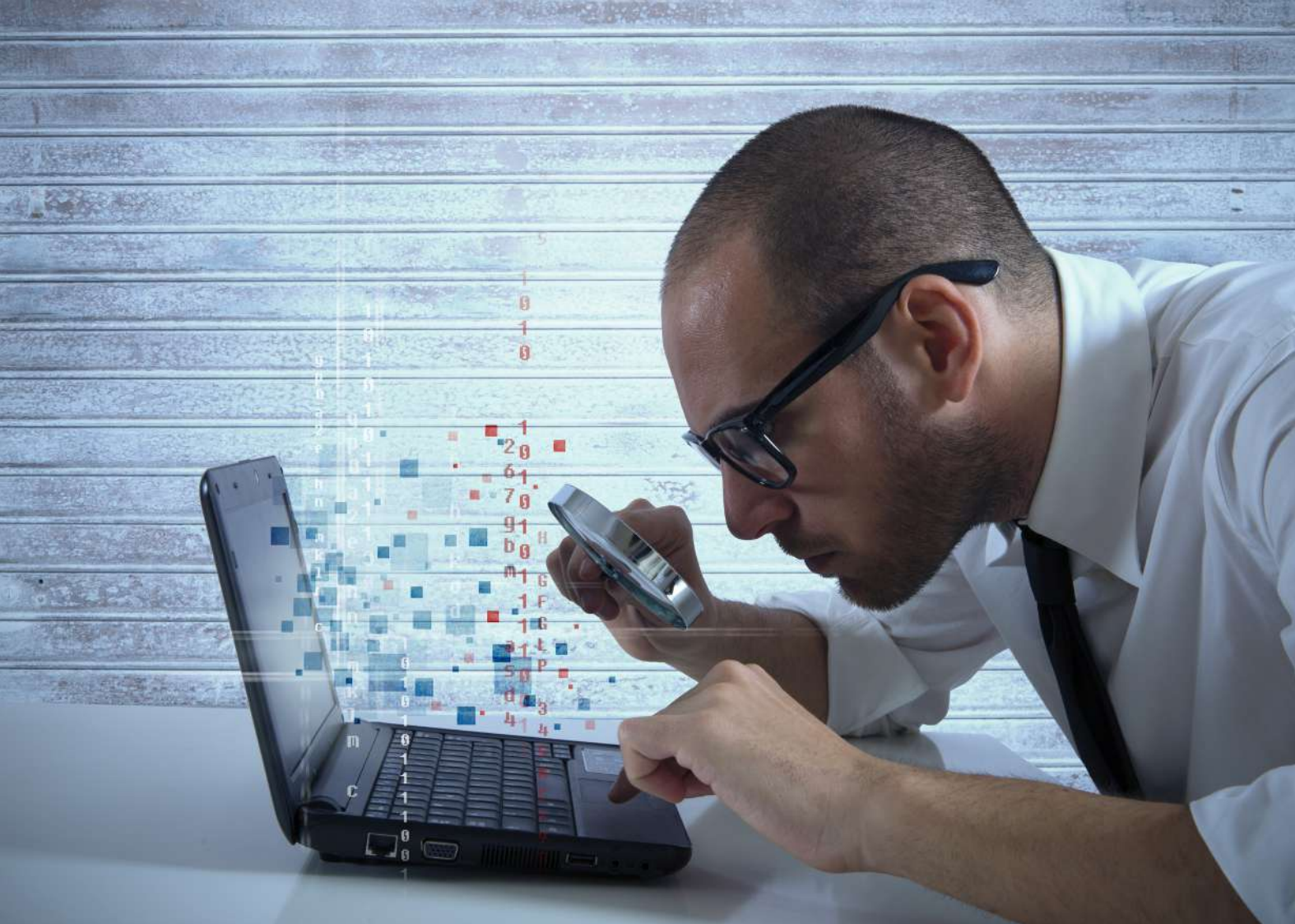
Reivindicar direitos

Paulo Freire ainda hoje representa o que sobressaía de seus escritos: esperança, um espírito da mudança, a conscientização de ser oprimido e as possibilidades da transformação com base na consciência de classe, da realidade, das nossas condições de existência, do entendimento dos discursos, que ajudam na construção como também na manutenção de identidades e papéis, ao defender uma pedagogia como prática da liberdade. Por isso, fica mais claro hoje, como as tecnologias podem ser usadas, pela perspectiva de Freire: como forma de reconhe-

cer e reivindicar direitos. Isso se aplica, por exemplo, às redes sociais e às outras tecnologias de natureza social, que dão voz e vez ao sujeito.

“Para Freire, a tecnologia precisa servir ao homem, como uma filosofia que ajuda a refletir como as máquinas e os serviços nos ajudam a pensar nossa realidade, assim como intervir nela, transformá-la, para melhorá-la, para torná-la mais justa. A tecnologia, em sua concepção, seria uma das grandes expressões da criatividade humana, exercendo principalmente funções como da politicidade. Portanto, deve ser compreendida como tal e percebida como ela pode servir aos interesses de determinados grupos, pois está permeada de uma concepção de mundo, de homem, de sociedade, de informação, de conhecimento”, ressalta a pesquisadora Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues.

As reflexões trazidas por Paulo Freire demonstram que é necessário saber quais as razões de ser dos artefatos tecnológicos e seus usos na sociedade contemporânea, em tempos de robôs digitais, Google Analytics, web semântica etc. Dessa maneira, especialmente aos educadores é recomendado ir além do simples



Banco de Imagens

consumo de tais tecnologias. Cada vez mais a formação de leitores e eleitores críticos se torna urgente e emergente em nosso tempo, marcado pela cultura do digital.

Sociedade

Interessante notar que o debate em torno das tecnologias não se restringe à discussão sobre o aparelhamento dos espaços educativos e à formação de professores. Há elementos da vida em sociedade que interferem nas nossas relações e nas questões de identidade e comportamentos sociais, políticos, culturais e educacionais, como o papel da linguagem, a comunicação e os elementos comunicacionais. “Esses aspectos devem estar a serviço das pesso-

as, para que saibam lidar com as informações e não se coloquem como vítimas da comunicação. É preciso ter novos posicionamentos, que remetam a uma postura crítica sobre seu entorno, seu mundo, suas relações e as informações que chegam às suas mãos, bem como entender de que maneira se posicionar sobre elas e como elas nos moldam como sujeitos”, afirma a pesquisadora Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues.

Da mesma forma, Paulo Freire se dedicou muito à discussão sobre mudanças na prática pedagógica, na discussão do currículo, da formação de professores, da relação professor e aluno, ideologia e linguagem. Ainda que por pouco tempo, Paulo viu as tecnologias entrarem na escola e modificar ou contribuir com

esses aspectos. O educador se posicionava sobre o necessário rigor metodológico que precisa acompanhar cada recurso tecnológico na sala de aula. E se ainda se debruçasse sobre a temática da educação envolvendo as tecnologias, se reportaria a uma práxis tecnológica que se junta a uma práxis axiológica, ontológica, gerando novos modos de viver em sociedade. “Essa experiência deve estar em constante debate, servindo à construção da cidadania do digital, plena de autoria, co-construções, reflexões, no pensar e fazer a cultura. A bipolarização presente nas comunicações, especialmente nas redes sociais, seria um tema de debate para Freire, uma vez que uma de suas bandeiras era aprender a ouvir e respeitar o pensamento do outro”, ressalta Sannyia Fernanda

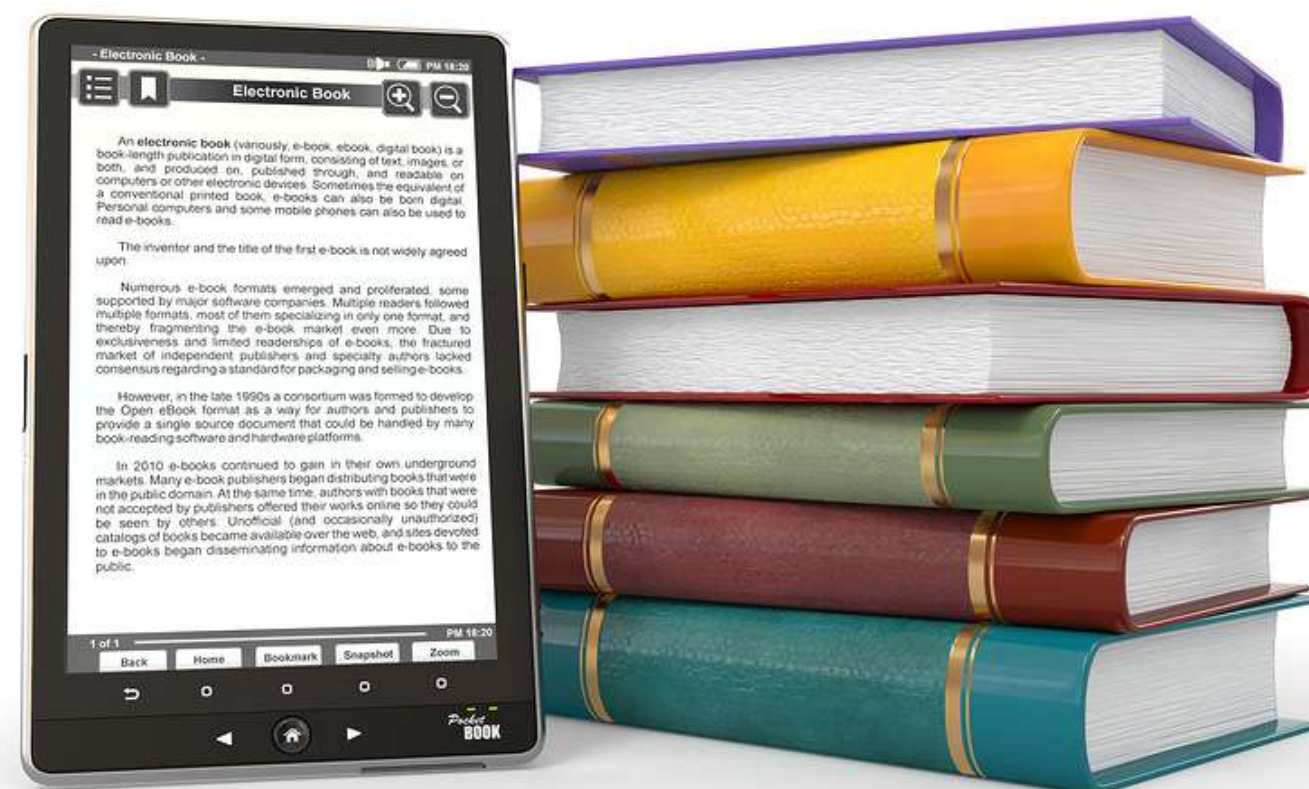
Nunes Rodrigues.

Alfabetismo científico

Paulo Freire defendia que os docentes usassem as ferramentas à disposição para o entendimento e o enfrentamento do cotidiano, em uma perspectiva de alfabetismo científico, mas especialmente político, reforçado pela urgente relação dialógica. Com isso, podem ser identificadas algumas das competências que deve ter o professor para preparar seus alunos para um cenário cada vez mais complexo.

De acordo com a pesquisadora Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues, se Paulo Freire aqui estivesse, converteria as tecnologias a serviço da alfabetização, do engajamento social e político

dos esfarrapados do mundo, da inclusão digital, num processo humano e inclusivo. “A leitura e a escrita contam hoje com tecnologias e suas linguagens, que precisam explorar todo o seu potencial educativo e comunicacional, dentro dos processos de multiletramentos, tão necessários ao viver no século XXI, considerando as deficiências de uma parte da população que não lê, que não interpreta o que lê e que possui inúmeras deficiências em compreender gráficos, mapas e ilustrações”, analisa. “Os dispositivos com os quais convivemos hoje precisam estar a serviço do ser humano crítico e reflexivo e do seu necessário desenvolvimento, enquanto ser que se apropria do cenário em que está embrenhado e se percebe como ser inacabado em constante renovação/reconstrução”, conclui.



Banco de Imagens

Ensinar exige Paulo Freire

Professora Livia Pereira da Silva conta sua experiência transformadora e mostra que os ensinamentos do educador podem ajudar a superar a falta de estrutura e os desafios cotidianos da sala de aula

O contato e as leituras dos textos de Paulo Freire influenciaram e até hoje influenciam a formação de muitos professores no Brasil. Não são raros os casos em que as obras do educador acabam se tornando referência para docentes que buscam trazer para a sua prática os saberes necessários à prática educativa. Uma dessas professoras é Livia Pereira da Silva, que ao longo dos anos experimentou a aplicação dos pensamentos de Freire em sala de aula. “Na minha formação inicial, como pedagoga, na disciplina de didática, a professora pediu para ler o livro Pedagogia da Autonomia e apresentar uma aula de acordo com as ideias do livro. Esta foi a minha primeira experiência teórico-prática com Paulo, e certamente não foi a única”, conta a educadora.

Livia começou a carreira docente nas séries iniciais, em uma escola particular de excelência. Ali, esteve à frente, pela primeira vez, de uma turma de aproximadamente 30 alunos na faixa etária de 9 anos de idade. “Foi um verdadeiro desafio, que com o tempo aprendi a gerenciar, buscando sempre a maneira mais ética de constituir relações justas, respeitadas, democráticas, entre professora e aluno. Foi neste espaço que tive a oportunidade de adquirir saberes, que estavam além da

formação acadêmica, advindos da formação continuada”, conta a professora.

Nos dez anos seguintes, Livia Pereira da Silva trabalhou na mesma escola, com a certeza de que estava na profissão certa, no lugar certo. “Fiz o meu melhor e testemunhei que Paulo Freire estava certo: ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Essa tríade resulta na formação de um espaço pedagógico cuja palavra geradora é respeito”, atesta.

Novas experiências

Mas outras práticas pedagógicas surgiram no caminho da professora Livia. Após uma década, ela decidiu ampliar sua atuação e, em 2012, foi aprovada em um concurso público municipal, para trabalhar como professora de séries iniciais. A felicidade pela aprovação se misturou com a apreensão pelas novas experiências. “Antes do primeiro dia de trabalho, eu estava um pouco apreensiva, pois iria ficar com uma turma do primeiro ano, na faixa de 6 a 7 anos, com o qual tinha pouca vivência de práticas educativas alfabetizadoras”, conta.

Nos primeiros dias de trabalho, ela conheceu os colegas de trabalho e o espaço da escola. Infelizmente, a primeira impres-

são não foi positiva “Fiquei chocada com a estrutura física da escola. A sala era muito pequena, sem ventiladores, pouco ventilada e parte do forro do teto lutava contra a gravidade para não cair”, relata a professora.

Apesar desses desafios, as aulas iniciaram em um clima alegre e de acolhimento às crianças. No entanto, algo incomodava a professora Livia: o forro da sala de aula e o risco que ele trazia. “Ao final da primeira semana, resolvi conversar com a diretora sobre o risco para as crianças e para mim, afinal, ensinar exige, também, integridade física dos estudantes e professores. A diretora reconheceu os problemas apresentados e garantiu que logo a sala passaria por uma reforma”, relembra.

Do forro da sala de aula, o olhar da professora Livia percebeu outros problemas no seu entorno. “Verifiquei que as crianças iam para a escola de mochila vazia, sem nem um lápis dentro. Quando perguntava a eles se tinham uma agenda, um caderno, um lápis, praticamente, todos respondiam que não e justificavam, timidamente, que ainda iriam comprar, ou que tinham esquecido em casa, ou que não tinham dinheiro para comprar”, conta. “Recorri, mais uma vez, à diretora, para tratar sobre o assunto. Prontamente ela forneceu lápis e folhas de papel sulfite para contemplar todos os educandos e

me assegurou que, até a próxima semana, os livros didáticos seriam entregues”, diz a professora Livia.

Escassez

Mas o tempo passou e os problemas não se resolviam. As semanas se sucederam e nada de livros nem materiais didáticos. Outros desafios se sobrepujaram, como a falta de água na escola, que inviabilizava um dia completo de aula. “Em um mês de trabalho, o desânimo me abateu. Uma outra professora me consolou, dizendo que era uma questão de tempo para eu me adaptar à nova realidade. Cheguei a me perguntar se estava na profissão certa, no lugar certo, fazendo o correto. Eu sabia dos problemas da escola pública, mas diferente de saber, é conhecer, sentir e viver”, compara a professora Livia.

Diante das injustiças, das ausências e do descaso, a docente se voltou para a sua formação inicial. Logo ela se deu conta do que era necessário: as ideias de Paulo Freire. “Os primeiros impulsos de mudança tinham que vir de mim. Retomar a consciência do meu inacabamento foi o primeiro passo para ir além e me reinventar. Retomei o meu lugar na escola com outra disposição, marcando a minha presença como um ato de intervenção e reconhecendo a presença dos educandos com responsabilização”, relata a professora Livia.

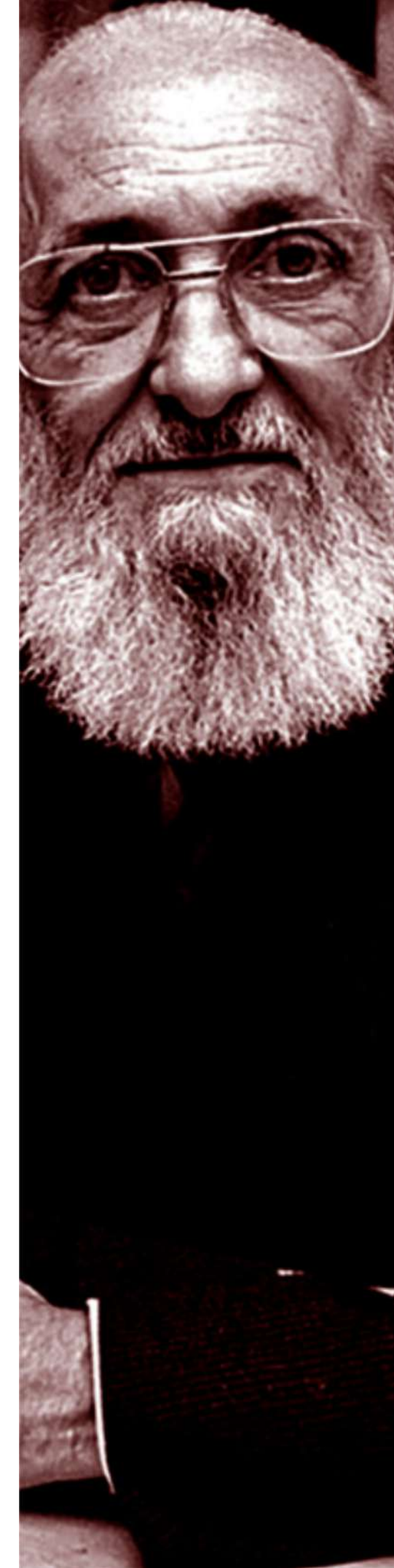
Ela conta que a partir dessa mudança de postura, lembrou que Paulo Freire escreveu: ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. “Não basta se adaptar, é necessário intervir, mudar, por mais difícil que as circunstâncias pareçam. Não relegar a minha prática docente ao desprezo e ao

desamor foi um ato de resistência ao descaso dos responsáveis pela integridade da educação pública”, observa.

Esperança

Foi uma mudança decisiva. Desse dia em diante, a professora Livia afirma que seu fazer docente se tornou afetivo, alegre, esperançoso. “Foi assim que consegui ensinar na escassez, sabendo que gestos possuem uma força socializadora, que supera qualquer espaço físico. Que lápis e papel, por mais simples que sejam, ainda fazem mágica, mas o melhor recurso de uma sala de aula, é o recurso humano. Que falta de água não nos impede de exercer o que é nosso por direito, o ato de aprender, de ensinar, de se formar, de ser mais”, conta. “Ensinar na escassez ensinou-me a riqueza da força formadora da educação”, reforça.

Paulo Freire ensinou que é responsabilidade de professores e professoras primar pela ética no exercício da docência. A referência maior é a ética universal do ser humano, que Freire descreve como libertadora, que rompe com o determinismo das injustiças sociais. É por essa ética, inseparável da prática educativa, que devemos lutar. “Dez anos na escola particular e 12 anos na escola pública me ensinaram que ensinar exige Paulo”, resume a professora Livia Pereira da Silva, que, felizmente, não teve mais o trabalho prejudicado pelo forro da sala de aula. “Após quatro meses, uma parte dele desabou. Por sorte ou alguma intervenção divina, isso ocorreu em um domingo e ninguém se feriu”, conta, bem-humorada.



Ensino da leitura e da escrita traz reflexões sobre a formação docente

Educação na atualidade reforça a necessidade da formação docente consistente, fundamentada e epistemológica, defende a professora e pesquisadora Vitoria Raquel Pereira de Souza. Leitura de mundo é uma das bases do trabalho de Paulo Freire

A leitura e a escrita são dois dos elementos mais presentes e mais analisados em toda a obra de Paulo Freire. Na perspectiva do educador, esses dois elementos atravessam os sujeitos históricos, políticos, sociais, culturais, pois contribuem na (re)constituição humana e dão conta do inacabamento do sujeito – contemplando a formação continuada, em inúmeros aspectos que reverberam nuances das linguagens vivenciadas por todos e todas em diferentes espaços e momentos.

Para a professora Vitoria Raquel Pereira de Souza, pesquisadora da palavra de Paulo Freire, a formação docente (inicial e continuada) concretiza a política pública implementada no Sistema Público de Ensino e é utilizada como uma ferramenta para modificações no currículo, na organização do trabalho pedagógico e na cultura escolar. “Este espaço deve ser de troca de conhecimentos entre os pares, para teorizar a prática pedagógica, validando, refutando, (re)construindo saberes e fazeres educativos e didático-pedagógicos. É um espaço de constituição do professor-pesquisador, de reconhecimento e valorização dos profissionais que dão materialidade, por meio do

seu trabalho, à escolarização, à educação e à emancipação dos sujeitos”, defende a docente.

Nessa perspectiva, o trabalho do professor deve ser entendido como a ação do humano sobre o humano, dialeticamente, a partir do qual todos estão implicados e sofrem mudanças – docentes e discentes. “Esse trabalho deve ser pensando, planejado, acompanhado e avaliado de maneira autônoma pelo docente, respeitando seus saberes e fazeres para uma educação cidadã”, reforça Vitoria Raquel Pereira de Souza.

Lógica atual

No contexto atual em que as políticas públicas se encontram, a formação da profissionalização dos docentes é implementada pela lógica neoliberal, associada aos reformadores empresariais que, pela arquitetura normativa, almejam a total privatização da educação brasileira, opina Vitoria Raquel Pereira de Souza. “Por meio de institutos que prometem reverter o quadro caótico nas escolas com receitas prontas, receitas ofertadas aos Sistemas de Ensino como pacotes educacionais, cartilhas, dentre outros, objetivam resolver pro-

blemas complexos da educação, como a baixa proficiência em leitura e escrita dos estudantes do ciclo de alfabetização”, observa.

Segundo a professora, é preciso garantir formação (inicial e continuada) com rigor científico, considerando a complexidade do objeto de ensino frente as demandas do tempo presente da escola. “Atualmente atacada e sucateada, com o currículo focado no desenvolvimento de competências desdobrando-se numa formação docente de caráter instrumental e praticista, há a preponderância da racionalidade técnica e tecnológica dando vida ao neotecnicismo e empobrecendo ainda mais a formação dos professores e professoras do Brasil”, lamenta Vitoria Raquel Pereira de Souza.

Esses efeitos na educação reforçam a necessidade da formação docente consistente, fundamentada epistemológica, teórico-metodológica e pedagogicamente para contribuir para a reflexão. A professora Vitoria Raquel Pereira de Souza cita os estudos de Saviani, para quem a formação docente deve favorecer a reflexão filosófica, que em sua constituição têm suas exigências (radical, rigorosa e de conjunto), as quais

possuem conexões metodológicas que contribuem com os exercícios social, ético, moral e político da profissão, transformando a prática pedagógica frente à emancipação dos sujeitos.

O ensino deve estar a serviço da emancipação dos indivíduos, da (re)leitura e contribuição no/com/de/para o mundo, ajudando na compreensão e na ação da realidade onde está situado. “A forma como professores entendem o que é ensinar causa efeitos na aprendizagem dos estudantes, pois revela seu comprometimento político, social, cultural com a aprendizagem e com a educação dos estudantes”, constata Vitoria Raquel Pereira de Souza.

Ensinar – aprender

A experiência apontada por Paulo Freire quando da prática de ensinar-aprender é aquela proporcionada pela leitura de mundo. Ler está para além de decodificar fonemas: é desvelar o mundo. Ler é resistência e (re)existência. Ler é ter possibilidade de explorar, de conhecer, de intervir, de comparar, enfim ler contribui para se forjar gente, pessoa e cidadã do mundo. “Assim, a leitura e a escrita devem ser objetos do ensinar-aprender para promover as práticas de linguagens dotadas de sentido e significados para os estudantes, tornando-a viva para além das práticas escolares”, ressalta a professora Vitoria Raquel Pereira de Souza.

Ela recorda que a formação de leitores e escritores não é exclusiva da escola, mas não se pode negar que ela é uma das agências que contribuem com esta formação, em especial nas classes populares. Este entendimento de formação de leitores e escritores supera a concepção

mecanicista do ensino circunscrita à repetição de letras e sílabas descontextualizadas da realidade do estudante. “Deve-se valorizar a concepção da linguagem viva, vivificada pelos sentidos e significados construídos com base na experiência do leitor/escritor que reflitam o uso nas práticas sociais”, afirma Vitoria Raquel Pereira de Souza.

Nessa dimensão, professor e estudante elaboram conhecimentos, pois a cada situação-problema que se coloca no espaço-tempo escolar apresenta inúmeras formas de resolução, pois tratamos do trabalho docente como elemento que modifica e é modificado pelo ser humano. O mesmo ocorre no ensino da leitura e da escrita.

Vitoria Raquel Pereira de Souza defende que os docentes devem manter-se atentos às questões sobre porque leio/escrevo, para quem leio/escrevo, qual a importância de ler/escrever não apenas para os estudantes, mas também para si, para sua constituição como leitor/escritor. “Ao considerar o contexto dos estudantes, os professores também revisitam os seus e (re) significam o ensinar-aprender a partir do respeito às diferenças de ser, de existir, de sentir, de dizer. Este movimento enriquece as linguagens sociais e ajuda a compreender a importância de saber a importância da leitura/escrita numa sociedade letrada, que exige cada vez mais dos seus cidadãos”, observa a professora.

Contribuição

Nesse entendimento, escrevemos e lemos para contribuindo no/com o mundo, numa perspectiva de construir um projeto societário que preze

pela educação como bem público. “Eu me (re)escrevo e (re)invento porque compreendo a importância do meu papel como agente social que acolhe, cria, orienta, apoia, incentiva, mas que trata o conteúdo escolar como conhecimento construído historicamente que ajuda os sujeitos a se situarem e transformarem o mundo”, comenta a professora Vitoria Raquel Pereira de Souza. “Precisamos ensinar-aprender com rigor científico necessário, pois o conhecimento liberta e empodera. E conhecer certos conteúdos perpassa pelo domínio da leitura e da escrita”, analisa.

Paulo Freire reflete que se “não é possível dicotomizar ler e escrever”, também não é possível dicotomizar a formação docente alienando o professor do seu trabalho, transformando-o em mero aplicador de programas e/ou ações didática-pedagógicas que o afastam de refletir sobre todo o processo educativo. “O atual governo tem um projeto ardiloso que avança incessantemente contra o direito a educação. Denúncia e expresse minha indignação contra o uso das normativas que, articuladas, agilizam a privatização, fragilizam a formação docente todos os níveis e modalidades, cerceando o pensamento crítico-reflexivo e o desenvolvimento da cidadania”, defende Vitoria Raquel Pereira de Souza. “A formação docente (inicial e continuada) deve estar alicerçada em concepções progressistas e valores humanistas, respeitando os sujeitos históricos, que valorize os saberes e fazeres professorais numa perspectiva emancipatória, crítica-reflexiva que dote o cidadão para compreender e agir no mundo em que está inserido”, conclui a professora.

Novos olhares sobre os saberes e práticas docentes

Mestres em Educação Renato Moreira Silva e Otávio Augusto de Moraes promovem reflexões sobre a obra de Paulo Freire em aula virtual com gestores escolares do município de Miranda do Norte. Debates sobre o livro Pedagogia da autonomia trazem elementos para pensar ações de transformação social

A 124 quilômetros de São Luís fica Miranda do Norte, um pequeno município do Maranhão com aproximadamente 29 mil habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2016. A cidade possui 25 escolas municipais e 5.298 estudantes, distribuídos nas séries de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Com o objetivo de celebrar o centenário do educador Paulo Freire, gestores escolares e a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação de Miranda do Norte tiveram a oportunidade de participar, no último mês de julho, de uma aula virtual, que debateu o legado de Freire para a educação brasileira, com base no livro Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa.

Durante a aula virtual, seguiram-se importantes debates e reflexões, com vistas a novos olhares sobre os saberes e práticas docentes. Em determinado diálogo, uma gestora de escola pública daquele município comentou: “É preciso reconhecer o aluno como sujeito do seu próprio conhecimento e pensar

no ensino e aprendizagem a partir do contexto ao qual o mesmo está inserido, permitindo que haja significado naquilo que ele aprende”, observou.

No primeiro momento da aula virtual, o professor e mestre em Educação Renato Moreira Silva e o mestre em Educação Otávio Augusto de Moraes destacaram a vida e a obra de Paulo Freire, sua importância para a alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e todo o contexto de pobreza e desigualdades no qual o autor cresceu. “Esse conjunto de fatores contribuiu para a sua indignação com as mazelas sociais. Ainda na primeira etapa, revisitamos a epistemologia das palavras pedagogia e autonomia”, descreveram Renato Moreira Silva e Otávio Augusto de Moraes.

Conceitos

Na aula virtual com os gestores de Miranda do Norte foi possível analisar a autonomia na perspectiva da legislação educacional e naquilo que Paulo Freire compreendia como uma autono-

mia, voltada para a transformação social. Na ocasião dos debates com os gestores escolares, foi lembrado que o conceito de autonomia tem sido construído, historicamente, no contexto de diferentes características culturais, econômicas e políticas que configuram as sociedades ao longo de seu percurso. “Ele faz com que tanto professor quanto alunos saiam do conformismo e passem a buscar novas ideias e novos saberes”, constatou uma gestora escolar que participou da aula virtual.

Em um segundo momento durante a aula, o diálogo com os gestores foi construído na perspectiva dos 3 capítulos do livro Pedagogia da Autonomia. Para Paulo Freire, os saberes e as práticas docentes para uma pedagogia da autonomia podem ser compreendidos em uma perspectiva na qual a “prática educativa deve vir sem interesses lucrativos, sem acusações injustas, sem promessas inalcançáveis, sem discriminação racial, social ou de gênero, sem mediocridade e/ou falsidades. Daí a importância do respeito às diferentes posturas

profissionais dos outros professores e a necessidade constante de busca de conhecimentos e atualização (formação científica)”, escreveu Freire.

Nessa conjuntura, os gestores escolares enquanto líderes, responsáveis pela administração, organização pedagógica e desenvolvimento de formações na escola podem contribuir com a construção de uma escola emancipatória, considerando o legado educacional de Paulo Freire e suas reflexões sobre concepção de educação.

Reflexões

De acordo com Renato Moreira Silva e Otávio Augusto de Moraes, a aula virtual sobre Paulo Freire trouxe a oportunidade de reflexão aos gestores sobre

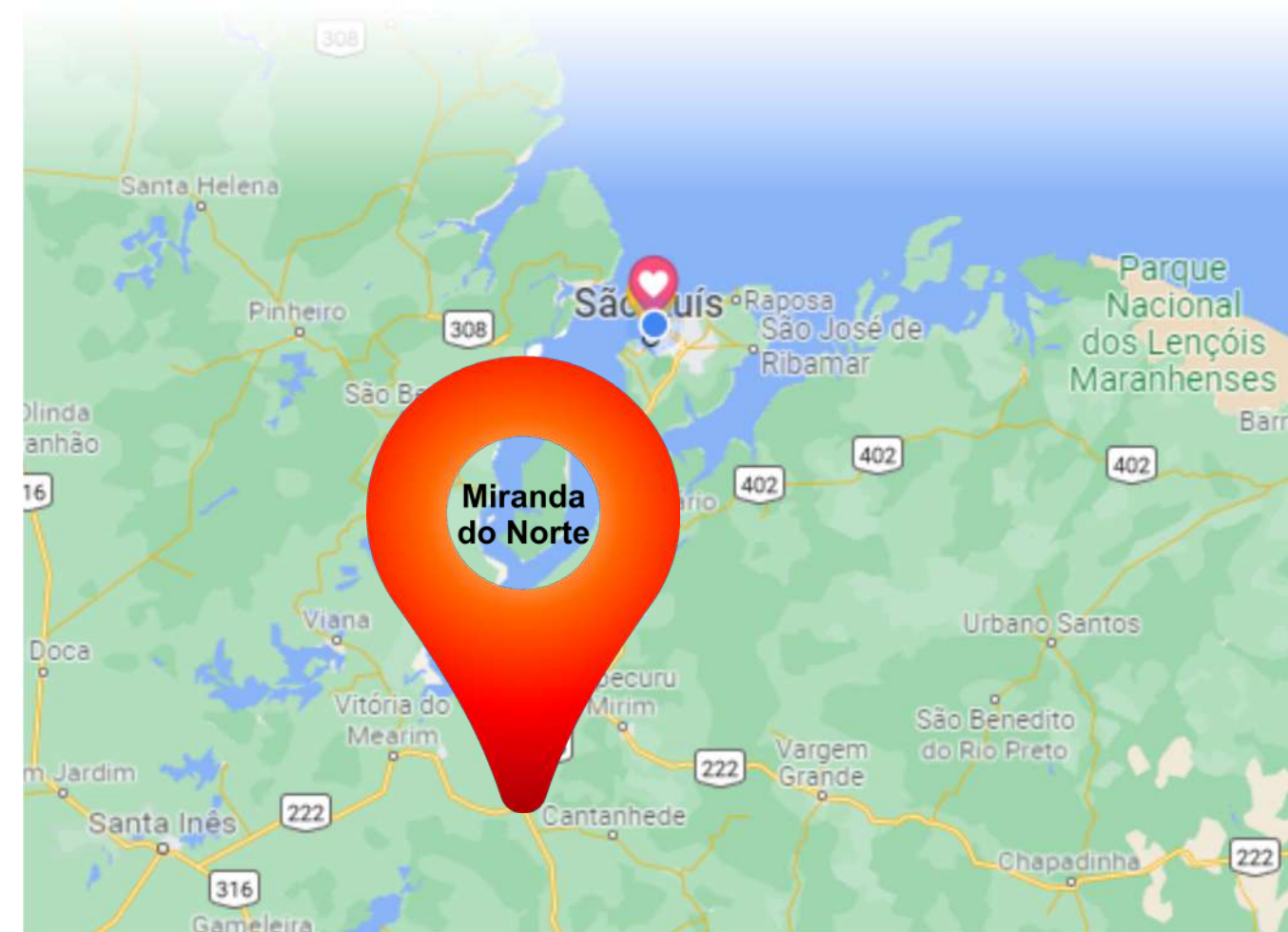
a pedagogia e as práticas educativas. “Os pressupostos freirianos, assim como a própria educação, vêm sendo constantemente atacados por políticas públicas educacionais que caminham em oposição às ideias de uma educação libertária, crítica e engajada. Neste momento, precisamos comemorar o centenário do nascimento de Paulo Freire, contudo não podemos perder o foco da luta, pois ‘a minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores’, conforme escreveu Freire”, defendem os mestres em Educação que conduziram a aula virtual.

Em tempos de muitas incertezas, é preciso reafirmar o legado de Paulo Freire e o significado da pedagogia da autonomia como prática libertadora, como uma educação voltada para transformar a vida das pesso-

as e possibilitar a saída de uma condição de submissão, pela compreensão dos contextos de desigualdade em que vivem e da possibilidade de se tornar agentes de mudanças.

Essa visão foi confirmada em uma reflexão feita por uma Supervisora escolar de Miranda do Norte que participou da aula virtual. “Gratificante ouvir e compartilhar as memórias de Paulo Freire. Que legado nos deixou, nos anos 2000, muitas críticas recebíamos por defender uma pedagogia libertadora e hoje a vejo tão procurada e aceita por muitos, e em várias áreas”, constatou.

A aula virtual está disponível no canal do YouTube da Secretaria Municipal de Educação de Miranda do Norte, e pode ser acessada através do link: <https://youtu.be/mRPVTQ4ALYs>



Os ensinamentos de Pedagogia do Oprimido

Mestre em Educação Jerry Wendell Rocha Salazar detalha as ideias de Paulo Freire, presentes em uma de suas obras mais importantes

Mais de meio século se passou desde que Paulo Freire publicou uma de suas obras mais importantes, Pedagogia do Oprimido. E, mesmo decorrido esse período, em que a sociedade passou por diversas transformações, o texto do educador, considerado uma das personalidades mais lidas no campo pedagógico mundial, continua bastante atual e propício para a nossa realidade. De acordo com o mestre em Educação Jerry Wendell Rocha Salazar, há uma frase na conclusão do livro que expressa a contemporaneidade dos seus ensinamentos: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. Esse trecho pode ter seu sentido completado por outra afirmação do autor, no mesmo livro, em que ele expressa, na dedicatória, que Pedagogia do Oprimido é ofertado “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. De acordo com Jerry Wendell Rocha Salazar, trata-se de uma revelação fundamental para o nosso tempo: nessa frase podemos ouvir o eco do silêncio imposto àquelas vozes com quem o livro interpela.

Organizado em quatro capítulos – pela ordem: “Primeiras

Palavras” (Introdução); “Justificativa da pedagogia do oprimido, A concepção ‘bancária’ da educação como instrumento da opressão”; “Seus pressupostos, sua crítica”; “A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade” e “A teoria da ação antidialógica” –, o livro Pedagogia do Oprimido foi escrito por Paulo Freire em 1968, durante o exílio, em Santiago do Chile. Uma época em que houve uma virada paradigmática no âmbito da educação brasileira. Certamente, este é um dos motivos pelos quais a obra continua repercutindo e atualmente está na 67ª edição no Brasil. Conforme Jerry Wendell Rocha Salazar, no primeiro capítulo Freire justifica a escolha do título, demonstrando que “essa escolha emergiu da experiência histórica dos próprios oprimidos que se percebendo nessa condição, não a aceita mais”, descreve. “A ruptura paradigmática proposta por Paulo Freire funda uma nova Pedagogia, que reconhece os excluídos atribuindo-lhes a merecida relevância, a partir da infraestrutura de base da sociedade, isto é, a partir das tensas relações estabelecidas entre as classes”, reforça o mestre em Educação.

A partir dessa nova pedagogia humanista, Paulo Freire prega a esperança, a luta, a utopia, o amor e boniteza da vida, e compreende o ser como um constante vir a ser, sujeito em constante

inacabamento, dialético e concreto. Além disso, revela traços de uma preocupação com a ética libertadora, cujo principal objetivo é produzir a emancipação. “Paulo Freire não é só um educador: é, sem dúvida, um grande revolucionador, pois ao estabelecer uma pedagogia que não discrimina, revela a discriminação a que muitos são relegados. Sua tarefa humanizadora permitiu a saída de muitos da dominação”, afirma Jerry Wendell Rocha Salazar.

Questões principais

A humanização frente à desumanização que a opressão produz é a questão fundamental nesta obra de Paulo Freire. Embora verificada naquele que sofre a opressão e no que a produz, essa desumanização é sentida de formas diferentes, e em ambos os casos, tal situação é resultado de uma distorção da sociedade, “porém, não é destino definido, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos”, observa Jerry Wendell Rocha Salazar. “Convém destacar que, para Paulo Freire, a tomada de consciência da opressão não é suficiente se ocorrer, desacompanhada do engajamento e da luta para superar a opressão imposta, pois, sabe-se que tal opressão é produto da ação dos homens”, completa o mestre em Educação.

Assim, é necessário que se

detenha o opressor, para se deter a opressão. Esse seria o caminho para a liberdade, ao passo que desse modo se estaria impedindo o regime opressor. Considerando que para o autor, os homens se educam e se libertam em comunhão, no diálogo e na reflexão, pois em suas próprias palavras: “a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática”.

No capítulo dois, Freire focaliza e aprofunda alguns pontos já trabalhados relativos à opressão, como o protagonismo da ação educativa – que, na concepção bancária, é exclusiva do professor, enquanto o educando é visto como um ser passivo e vazio. Freire prega que nessa visão distorcida de educação não há criatividade, não há transformação, não há saber, pois reflete-se na sociedade opressora, sendo comum nesta a “cultura do silêncio”. “Dessa forma, a ‘educação bancária’ mantém e estimula a contradição, pois é dela que se alimenta, visto que é necrófila, pois nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”, detalha Jerry Wendell Rocha Salazar.

Dessa forma, percebe-se que Freire propõe a transformação na mentalidade dos oprimidos, para que esta chegue à ação. Portanto, só a “educação libertadora, problematizadora” promoveria as mudanças necessárias, de modo a superar a dicotomia educador-educando e fundamenta-se a dialogicidade, negada na concepção bancária. Nesse movimento, a concepção problematizadora e reflexiva faz o educando passar do âmbito da doxa para o nível dos logos.

Paulo Freire nos adverte de sua retomada sobre uma educação problematizadora no terceiro capítulo, ao dialogar com outra obra de sua autoria, a “Educação como Prática de Liberdade” (1967). “Isso

ocorre porque o diálogo, para Freire, implica uma unidade dialética de ‘ação e reflexão’, e é nesse diálogo que está a verdadeira práxis”, explica Jerry Wendell Rocha Salazar.

Por fim, no quarto capítulo do livro Freire continua a retomada da concepção de educação problematizadora, enquanto um ‘quefazer’ humanista e Libertador contrapondo-se à antidialogicidade. “Sobretudo porque ‘a práxis revolucionária somente pode opor-se a práxis das elites dominadoras. Visto que tal prática, a práxis só pode ser dialógica, caso contrário, é opressora. Portanto, a compreensão sobre a teoria dialógica da ação só pode negar o autoritarismo, assim como nega a licenciocidade. E, ao fazê-lo, afirma a autoridade e a liberdade. Reconhece que, se não há liberdade sem autoridade, não há também esta sem aquela”, detalha o mestre em Educação.

Conclusão

Freire finaliza o livro criticando radicalmente a teoria da ação antidialógica, que se assenta junto à opressão e aos silenciamentos, que legitimam a opressão, deixar que a invasão cultural e a manipulação desqualifiquem a nossa identidade. “É importante que demos a mão e convidemos a todos para se libertarem, de modo que, aos poucos, possamos estar convictos de que, para além de ator e sujeito, somos sujeitos processo histórico. Fica o desejo de recomendar a leitura da obra, pois nos faz refletir sobre o quão sério é a educação”, afirma Jerry Wendell Rocha Salazar. “Recomenda-se também, para usufruir de toda a riqueza, que se faça também a leitura de ‘Educação como Prática de Liberdade’, pois o próprio autor diz, em Pedagogia do Oprimido, que alguns conceitos trabalhados nessa obra são desdobramentos e/ou aprofundamentos do que já fora abordado na obra de 1967”, afirma o mestre em Educação.





Uma obra que inspira a práxis comprometida

Tatiana Rocha Cruz, Mestre em Educação, relata sua experiência de ter conhecido Paulo Freire e de que maneira seus ensinamentos influenciaram sua produção pedagógica

A oportunidade de conhecer pessoalmente Paulo Freire marcou a trajetória de muitos professores e professoras, impactados pela presença cativante do educador e ver e ouvir de perto as suas palavras. Uma dessas pessoas foi a mestre em Educação Tatiana Rocha Cruz, que esteve junto de Paulo Freire em 1994, durante um encontro em São Luís, sobre a Pedagogia da Esperança. “Tive a ventura de conhecer o educador Paulo Freire, homenageá-lo e sentir seu afetuoso abraço. Momento que, até hoje, não acredito tê-lo vivido. Uma frase, entre tantas outras sábias, foi impactante: *‘Quem não sonha, dificilmente faz a história’*”, relata.

Na época, Tatiana era estudante do curso de Pedagogia, do segundo período, na Universidade Federal do Maranhão. Naquela oportunidade, ela se deparou com um trabalho desafiador: apresentar em um seminário as concepções das pedagogias progressistas e, em particular, a Concepção Libertadora de Educação, proposta por Paulo Freire.

“Aprofundando os estudos sobre sua trajetória, obras, concepções de educação, homem, mundo, sociedade, escola, avaliação, relação educador-educando, confesso que fiquei seduzida, a priori, pela singularidade como pensava a educação, que o fazia único”, relata a então estudante. “Depois, a maneira como trabalhava a ética e a estética, a teoria e a prática, o rigor com a incompletude, o dizer e o fazer, o ensinar e o aprender, o texto e o contexto, o senso comum e o global, a militância, o político, a amorosidade”, completa.

Esses ingredientes compuseram o educador que tanto inspirou a práxis comprometida de Tatiana, possibilitando que ela revisasse cotidianamente posturas e desafios com atrevimento, ousadia, coragem, esperança e curiosidade. Mais adiante, no Programa de Pós-Graduação de Educação: Currículo da PUC/SP, no qual concluiu o Mestrado em Educação, ela ampliou os estudos freireanos na Cátedra Paulo Freire. “Nesse espaço, ao desenvolver pesquisas e estudos sobre o pensamento de Paulo Freire, aprendi que é necessário ir além do dizer, ou seja, sentir e, principalmente fazer freireanamente”, testemunha a educadora.

Compromisso

Ao expressar o compromisso com a educação democrática, as ideias de Paulo Freire têm como intencionalidade a libertação dos seres humanos e a transformação da sociedade por meio da solidariedade e da justiça social. De acordo com Tatiana Rocha Cruz, por esse fato, ela acredita que a educação e a formação docente têm como substrato a condição humana, com base no tripé ação, reflexão e ação. “Torna-se imperiosa a compreensão da importância da Formação numa perspectiva de Formação Per-

manente, defendida por Paulo Freire, como processo humanizador, dialógico e transformador, indispensável à reflexão crítica e consubstanciada na dinâmica relacional teoria e prática, porque o ser humano é histórico, inconcluso, curioso e com vocação para sempre ser mais”, afirma a mestre em Educação.

Essa reflexão passa pela temática Formação de Professores que, segundo Tatiana Rocha Cruz, é urgente, necessária e desafiadora, pois os dilemas e as contradições enfrentados pela formação de professores na contemporaneidade se sobrepõem aos problemas pedagógicos. “Eles atravessam questões de ordem ética, política, de recursos, entre outras. Por isso, exigem um olhar relevante e significativo dos contextos global, local e escolar. Exigem também, repensar o fazer docente, o aprimoramento profissional, as condições do trabalho docente, e a adoção reflexiva permanente sobre teoria e prática”, detalhe.

EJA

Quem são os educandos da Educação de Jovens e Adultos? Que sonhos e histórias carregam? Quais saberes que trazem? Estas e outras indagações possibilitam aos professores e coordenadores refletirem sobre suas posturas e práticas cotidianas, na lida com esse público, que possui diversidade e características peculiares. Em uma dimensão mais ampliada, a tessitura da formação continuada no interior da escola necessita ser ressignificada, assim como os que com ela lidam. “Um dos profissionais é o coordenador pedagógico que, imperiosamente, demanda assumir o seu papel de gestor da formação dos professores, com o desenvolvimento de práticas mais reflexivas, humanizadoras, inovadoras, críticas e que traduzam as reais necessidades da escola”, defende Tatiana Rocha

Cruz.

É de sua autoria o livro “Dialogando com Paulo Freire: formação continuada de coordenadores pedagógicos na educação de jovens e adultos”, ancorado e tecido em uma pedagogia centrada no horizonte de uma cidadania emancipatória, apresenta questionamentos e possíveis saídas relacionadas à Formação Continuada de Coordenadores Pedagógicos e Professores, em especial a dos que atuam com jovens e adultos, exigindo compreender a Educação de Jovens e Adultos (EJA) sob uma perspectiva de educação como direito e sua efetivação mediante a garantia de políticas públicas e formações específicas, metodologias inovadoras e a construção de tempos e espaços diferenciados.

“Ousadia é a saída, no sentido de contribuir com algumas proposições as quais acredito possam fomentar a construção de práticas formativas inspiradas no pensamento de Paulo Freire. E assim, como eterna aprendiz, curiosa e atenta ao novo, aventuro-me na busca do diálogo com os educadores, para que juntos atribuamos novos sentidos do pensar e do fazer em educação”, descreve Tatiana Rocha Cruz. “O objetivo é possibilitar a germinação de concepções e práticas inovadoras e responsáveis fundadas no respeito ao potencial de todo ser humano e no reconhecimento integral e irrestrito como pessoa e cidadão”, completa a mestre em Educação. “Somos todos aprendizes, responsáveis pela construção de novos espaços, novos tempos e, por decorrência, de novos horizontes. Este é o legado do querido educador Paulo Freire a todos educadores, uma vez que o conjunto de sua obra tem como ponto central a condição inequívoca do respeito, da amorosidade e da promoção da dignidade da pessoa humana”, conclui.

Educação nas prisões: reflexões e transformação

Pesquisadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva explicam zede que forma a obra Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, ajuda a compreender a importância da educação no contexto de prisionização

No ano de 1968, o educador Paulo Freire estava exilado no Chile, pois o Brasil passava por um golpe miliar. Naquela mesma época, muitos artistas, políticos e pensadores estavam na mesma situação, longe do país de origem, porque eram considerados subversivos à ordem política vigente. Naquele contexto de reflexões, Freire escreveu o livro Pedagogia do Oprimido, uma de suas principais obras. A exemplo de outras, de sua autoria, ela dialoga sobre educação e a possibilidade de uma nova perspectiva de vida, a partir da transformação de mundo pelo testemunho de nossas histórias. Apesar de sua importância, só foi publicada em meados dos anos de 1970.

Nesta obra emblemática, Paulo Freire defende que as relações que envolvem o processo de educação precisam superar as contradições de opressores e oprimidos que compreendemos, sendo uma relação de poder enraizada na educação. A superação dessa relação de poder contribui para que os oprimidos recuperem sua humanidade – mas não apenas as suas, a dos opressores também, sabendo que estes correm o risco de se tornarem opressores de opressores. O grande desafio é que os oprimidos se libertem a si

e aos opressores.

De acordo com as pesquisadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva, a viabilidade para superar a contradição opressor-oprimido tem como uma saída sugerida a práxis, “*que é a reflexão sobre a ação, de modo que, ao refletir, a humanidade tende a transformar o mundo em que vive, e consequentemente reflete de forma crítica essa contradição a fim de superá-la. Ou seja, a superação dessa contradição precisa, acima de tudo, da consciência oprimida e da consciência opressora pelas reflexões*”, afirmam.

Reintegração social

A Pedagogia do Oprimido tem como uma das suas características trazer reflexões importantes em diversas modalidades da educação formal e até da educação informal. Por essa abrangência, pode ser aplicada, por exemplo, ao contexto das pessoas que se encontram em privação de liberdade e a importância da educação nas prisões, como processo de ressocialização e de reintegração social.

Isso porque Freire acredita na constituição do sujeito pelo conjunto das relações que o cercam, e o entendimento maior de tais relações sociais lhe daria dis-

cernimento para analisar melhor o mundo do outro e, consequentemente, seu próprio mundo. “*A sociedade, em seu caráter desumanizador, comete um erro terrível, passando a tratar os homens, em muitos casos, como tratam seus animais, predominando o desprezo pelos seus direitos básicos, omitindo a voz daqueles que se sentem abandonados pelo mundo de que fazem parte*”, observam as pesquisadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva.

Elas analisam que o oprimido, no ambiente do cárcere, pode ser encarado como apenas o ser oprimido socialmente, que foi colocado à margem da sociedade com vistas à sua completa reintegração. “*Colocar sujeitos fora de seu espaço social de constituição foi a maneira mais fácil que os organismos sociais encontraram para remodelá-los, reagrupá-los, torná-los iguais a todos os outros*”, constatam.

Dessa maneira, a educação escolar no interior das prisões pode e deve estar comprometida com as condições de vida dos internos e contribuir para melhorá-las – afastando-se, no entanto, de qualquer postura ingênua em relação ao papel da escola nesse ambiente. Porém, não há como negar que o homem aprisionado, muitas vezes, busca a sua

identidade, o diálogo, a reconstrução da sua história e valoriza os momentos de aprendizagem, tendo o direito a uma escola competente, solidária, produtiva e libertadora.

Condição opressora

É sabido que os sujeitos em situação de prisão vivem sob opressão diária, acabam perdendo ou nunca tiveram a consciência dos seus direitos, pois a condição de submissão e “*adestramento*” naquele lugar é muito forte. ‘Baixa a cabeça!, mãos para trás!, o que foi, ladrão?’ São formas que chefes de plantão, agentes e auxiliares se dirigem aos internos e eles, na condição subalterna, respondem: ‘Sim senhor (a)!’ É comum os internos chamarem aqueles que ali estão para lhes prestarem qualquer tipo de atendimento de ‘doutor’, maneira hierarquizada de se referir aos que pretensamente sejam superiores a eles.

Para ajudar a entender essa relação, A Pedagogia do Oprimido, em seu primeiro capítulo,

desenvolve dois conceitos importantes: o de revolução e de contradição. “*Para ele, uma revolução no campo da opressão, busca por mudanças daqueles que dominam, acabam gerando novos opressores e oprimidos. Já na contradição, o opressor se reconhece como o tal e o oprimido consegue vê-se subjogado por outro. Evidencia-se a importância da educação na busca de discutir, junto às instituições responsáveis, aos professores e gestores, o processo ensino e aprendizagem, a busca de alternativas de atendimento mediante o desafio de educar neste cenário, proporcionando referências que lhes permitam refletir o fazer pedagógico frente ao fenômeno da prisionização*”, ressaltam as pesquisadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva.

De acordo com o pensamento de Paulo Freire, o indivíduo pode ser pensado como um ser histórico e inacabado, que se encontra numa relação permanente com o outro, transformando o mundo e a si mesmo. Dessa forma, as ações pedagógicas no sistema penitenciário precisam reconhecer os efeitos da prisioni-

zação e buscar novas formas de agir, levando o indivíduo a se reconhecer como cidadão. O autor também defende que a história é tempo de possibilidades e não de determinismos, que o futuro, permita-se reiterar, é problemático e inexorável. “*Desta forma, percebe-se que a educação, para as pessoas privadas de liberdade, se caracteriza como um processo dinâmico, no qual o/a aluno/a consiga reformular novas formas de agir e de interagir, de pensar e de se reconhecer como sujeito de sua própria história*”, afirmam Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva.

Estrutura prisional

Considerando que a maioria dos presídios brasileiros – e os do Maranhão não estão fora desse contexto –, não foi construída para que se pudesse ofertar educação para as pessoas que se encontram em privação de liberdade, há dificuldades de adequação da própria estrutura, com celas desativadas para se transformarem em salas, sem ventilação e sem condição de trabalho e





permanência dos alunos, como descreve Foucault (1987).

No entanto, como escreve Paulo Freire (2002), contradições como essa geram a consciência. Mas a autor adverte que o processo de desintoxicação da opressão deve acontecer de maneira cuidadosa, evitando que os opressores não venham a ser novos oprimidos. O processo de liberdade deve ser visto e sentido por ambas as partes: enquanto ação social, não pode ocorrer isoladamente.

No livro, Freire (2002) mostra como a educação no Brasil reproduz a desigualdade, a marginalização e a miséria. O autor coloca que o ensinar a não pensar é algo puramente planejado pelos que estão no poder, para que possam ter em mãos a maior quantidade possível de oprimidos; uma vez que se sintam fragilizados, necessitam dos que dominam para sobreviverem. Mas como poderá o homem sair da opressão se os que nos “ensinam” são também aqueles que nos oprimem?

Um questionamento como esse, na perspectiva de Paulo Frei-

re, procura conscientizar o docente do seu papel problematizador da realidade do educando. *“Nessa perspectiva, a educação nas prisões deve ser usada como possibilidade de instrumentalização para a ressocialização, pois a impressão que se tem é que as prisões são apenas depósitos de pessoas cumprindo punição por crimes cometidos. O que se verifica é uma incompatibilidade muito grande entre os objetivos da educação e os objetivos da segurança, pois a primeira visa a emancipação dos indivíduos, enquanto a segunda, a anulação dos mesmos”*, apontam as pesquisadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva.

Pensar e problematizar

Diversas questões surgem dessas reflexões sobre a educação escolar dentro de espaços de privação de liberdade: como lidar com a contradição da cultura prisional, caracterizada pela repressão, ordem e disciplina, com o fim de adaptar o indivíduo ao cárcere e o princípio fundamental da educação que é, por essência, transformador e libertador? Estariam

as práticas escolares a serviço das prerrogativas carcerárias? A quem a escola serve?

Para Paulo Freire (2002), ensinar a pensar e problematizar sobre a realidade é a forma correta de se reproduzir conhecimento. A partir desse movimento, o educando terá a capacidade de compreender-se como um ser social.

Natarsia Camila Luso Amaral e Néria Cristina Melo Moura Silva afirmam que, na educação problematizadora, o professor aprende enquanto ensina pelo diálogo de seus educandos, estimulando o ato cognoscente de ambos, ou seja, ensina e aprende a refletir criticamente. *“É preciso abrir espaços para reflexões, afinal vivemos em uma sociedade acostumada com uma ação antidialógica, que é a manipulação das massas oprimidas, enraizada em nossas vivências. Paulo Freire e suas obras nos possibilitam refletir sobre nossa práxis como ser social e como professor, nas diferentes modalidades da educação. Basta estarmos dispostos a novos diálogos e novos olhares”*, ressaltam as pesquisadoras.

Educamor

Educar e viver

Com emoção

A luz dos desafios

Que a vida nos impõe

Paulo com suas palavras

Acalentam os dias frios e quentes

Para demonstração de um futuro melhor

Como uma árvore que floresce em pleno amanhecer

Esmorecer, jamais

Freire,

Transformação

Ação

Educação

por Marina Fernanda Farias



Reflexões sobre a formação continuada dos Coordenadores Pedagógicos da EJA em São Luís

Experiência de pesquisa, realizada pela Mestre em Educação Tatiana Rocha Cruz com profissionais da Secretaria Municipal de Educação (Semed), utiliza a perspectiva do pensamento de Paulo Freire para aprimorar as práticas formativas

Analisar o processo de formação continuada de Coordenadores Pedagógicos (CP) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede municipal de São Luís, considerando as práticas formativas com base no pensamento de Paulo Freire, visando a melhoria das práticas formativas, inspiradas em referenciais freireanos. Este foi o objetivo de uma investigação realizada pela mestre em Educação Tatiana Rocha Cruz, através de questionário (aplicado aos coordenadores pedagógicos e professores de três escolas da zona urbana de São Luís) e entrevista semiestruturada, realizada com os profissionais da Secretaria Municipal de Educação (Semed).

Os resultados foram sistematizados a partir de categorias de análise, tendo como parâmetro a concepção de formação continuada abordada na produção de Freire. Quanto ao percurso metodológico, a pesquisa de enfoque qualitativo teve duas etapas: a aplicação de questionário aos Coordenadores Pedagógicos e professores de três escolas da zona urbana de São Luís, e entrevista semiestruturada realizada com os profissionais da Semed.

A investigação teve como

marco teórico referencial o pensamento freireano, uma vez que educar é também possibilitar o encontro de almas a requerer escuta e diálogo permanente – uma educação que humaniza e liberta, tecida no horizonte de uma cidadania emancipatória. “Trata-se de um processo humanizador, dialógico e transformador, indispensável à reflexão crítica e substanciada na dinâmica teoria e prática”, completa Tatiana Rocha Cruz.

Nesse sentido, a práxis educativa ganha dimensão inequívoca enquanto possibilidade de fazer realidade o movimento ação-reflexão-ação. “Quanto mais consolidada a consciência do docente em seu papel como agente transformador da sociedade, tanto mais o exercício o remete ao respeito à humanidade, à liberdade e à superação da desigualdade social”, explica a mestre em Educação.

Segundo dados da Semed (ano base 2015), em relação à EJA, havia 488 professores e 54 coordenadores pedagógicos em atuação, para um total de 7.082 alunos e 62 escolas EJA. “Entre os dados coletados, constatou-se que os referenciais freireanos encontravam-se anunciados nos

documentos e proposições legais. Porém, foi identificada significativa distância entre o formalmente prescrito e a realidade percebida pelos profissionais”, afirma a pesquisadora. “Os dados também revelaram entendimento diverso e contraditório quanto às concepções de Paulo Freire, razão pela qual foram lançados alguns indicativos à elaboração de uma proposta redimensionada de formação continuada de coordenadores pedagógicos na esfera da Educação de Jovens e Adultos”, explica.

Fundamentos

O marco teórico da investigação teve como fundamento obras de Freire e de autores que se alinham com o pensamento deste educador, tendo por referência o compromisso ético, político e democrático e a pedagogia como prática da liberdade, dialógica emancipatória, libertária e de transformação do oprimido para um sujeito cognoscente e autor de sua própria história. “O pensamento freireano, ao expressar o compromisso com a educação democrática, tem a intencionalidade da transformação da sociedade por meio da

solidariedade e da justiça social. É nesta esfera que a formação docente toma uma perspectiva de formação permanente, conforme defendida por Paulo Freire”, comenta Tatiana Rocha Cruz.

Partiu-se do conceito central – formação permanente – relacionando-o também a centrais categorias freireanas para análise, quais sejam: diálogo, conteúdos significativos, problematização e transformação da realidade, segundo a representação da Trama Conceitual Freireana, que vem sendo desenhada e utilizada desde 2001, na Cátedra Paulo Freire da PUC-SP. “Ela trabalha os conceitos e seu caráter relacional apresentados na obra freireana, que compreende o ser humano como inconcluso, inacabado e historicamente situado, que está no e com o mundo, com a possibilidade de conhecer a realidade e nela interferir, para transformá-la”, explica Tatiana.

Relativo aos saberes e contextos exigidos para o desempenho das funções do coordenador pedagógico, há vários saberes provenientes de diferentes fontes, muitos deles elencados e considerados por Freire, na obra *Pedagogia da autonomia* (1996). Isto porque o CP atua em uma área complexa e diversificada, que exige uma postura de permanente reelaboração e resignificação do seu fazer. “Sob esta perspectiva, o contexto escolar pode e deve possibilitar a aproximação do contexto teórico ao contexto da prática, da realidade vivida. Ressalta-se também que os contextos culturais e históricos ultrapassam os muros da escola. Por esta razão, tais contextos devem estar presentes nas discussões das formações”, comenta a mestre em

Educação.

Desafios na formação

Considerando os elementos levantados ao tema investigado, foram identificados possíveis desafios a servirem de base para a construção de proposições voltadas à melhoria da Formação Continuada dos coordenadores pedagógicos, em uma perspectiva da práxis freireana. Entre eles estão: promover práticas dialógicas humanizadoras e horizontalizadas na perspectiva da formação permanente; experienciar espaços e tempos democráticos e de aprendizagem; valorizar os contextos de modo a que possam estimular a problematização, a pesquisa e a reflexão crítica, dentre outros quesitos.

“O legado do educador Paulo Freire incita que professores, coordenadores pedagógicos, gestores e demais atores do campo educacional, incluindo a esfera das políticas públicas, estabeleçam o movimento reflexivo em relação à prática, de modo a gerar a conscientização e a assunção desses enquanto agentes transformadores não só para ressignificar o espaço escolar, mas também para reinventar o espaço social, de modo a torná-lo mais justo, democrático e solidário”, defende a pesquisadora.

Afinal, Freire destaca a importância do papel docente para despertar nas pessoas, sobretudo, aos oprimidos, a consciência crítica da existência e dos direitos inalienáveis a que têm como cidadãos de fato, compreendendo a Educação de Jovens e Adultos sob uma perspectiva de educação como direito e com suas peculiaridades, a exigir formações específicas e metodologias inovadoras por parte dos que nela atuam.



PAULO FREIRE RESISTE

Renato Moreira Silva

Paulo Freire e suas palavras
Em todo canto eu vou contar
São palavras de bravura
Pra humanidade esperar

Em terras secas de Angico
Fez a palavra voar
Do analfabeto fez um rico
Cuja riqueza foi libertar

À educação deixou seu legado
Que o professor apaixonado
Tem que saber ensinar

Pela força foi exilado
Mas não teve sonhos roubados
Pois sempre continuou a sonhar

Autonomia e esperança
Juntas em seu caminhar
Paulo Freire e sua obra
Vão imortalizar

Em tempos sombrios de guerra
Onde negam o saber
Paulo Freire resiste
Em cada orvalho e amanhecer

A ESPERANÇA

Renato Moreira Silva

Escola sem partido
Balbúrdia
Comunismo
Para cada ataque ao livro
Eu sugiro freirear

Educar é um ato político
Para poder transformar
Não há ética no cinismo
com o qual tentam nos calar

A Terra descoberta redonda,
tentam aplinar
A floresta que nos dá a vida,
estão a queimar
Paulo Freire te convida a se
indignar

Passa boi, passa boiada
E nosso futuro na jogada
pode naufragar

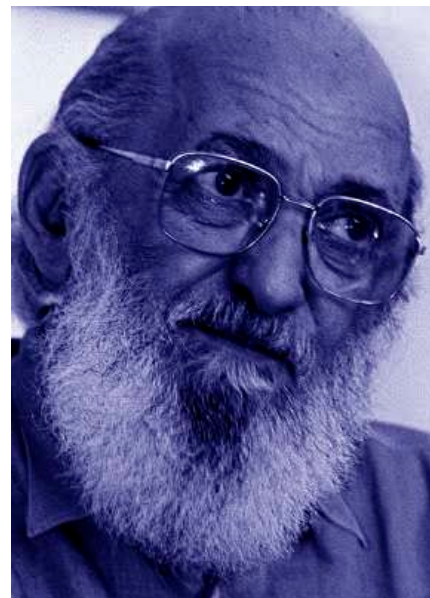
Mas me resta a esperança
Que não é de esperar
Que um dia Deus eu veja
Essa nação se transformar.



Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – PPGE – UEMA. Professor da rede estadual de educação do Maranhão e da rede municipal de educação de São Luís.

Um legado vivo e enriquecedor

A professora Terezinha de Jesus Amaral da Silva, professora, doutoranda e mestre em educação, relata suas experiências acadêmico-profissionais com base na obra de Paulo Freire



“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmos’, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondam, e suas respostas os levam a novas perguntas”.

Paulo Freire

A obra e os ensinamentos de Paulo Freire contribuíram e influenciaram na formação de muitos professores. São contribuições teóricas e reflexivas sobre a formação humana e concepções de educação, currículo, escola e docência que marcaram (e ainda balizam) muito do “saber-fazer” no magistério na Educação Básica. Terezinha de Jesus Amaral da Silva, doutoranda e mestre em educação, foi uma das professoras impactadas pela trajetória, pelo legado dos escritos e pelas experiências de Paulo Freire, de quem se comemora o centenário de nascimento. “Nos primeiros anos de magistério, como professora do Ensino Fundamental, e aluna do Curso de Pedagogia, entre 1986 e 1991, pude compreender com Paulo Freire que a ‘importância do ato de ler’ não se refere apenas em saber dominar os códigos alfabéticos e combiná-los com precisão ortográfica. Nosso trabalho de conclusão de curso já evidenciada essa afinidade: *Leitura na adolescência: base para a aprendizagem e instrumento de conscientização*”, conta a professora Terezinha de Jesus.

Ela conta que, ao ter contato com as obras freireanas, foi tendo a certeza da incompletude e do pouco-saber, imprimindo,

progressivamente, uma natureza instigadora e indagadora frente aos desafios inerentes aos caminhos construídos no exercício do magistério. “Foi com as primeiras leituras freireanas que pude me apropriar de concepções dialéticas, humanizadoras, com sensibilidade pedagógica para compreender, tanto as nossas limitações quanto a dependência do outro e imprimir uma visão para além do instrucionismo e disciplinar predominantes”, afirma a docente. “Mesmo em um ambiente escolar elitizado em que iniciei o magistério e o exerci por 11 anos, pude experimentar a prática do ensino de uma leitura contextualizada com as crianças e adolescentes, forjando uma prática diferenciada – o que custou muitos desafios e aprendizados”, avalia.

Primeira obra

Com a leitura de “*Conscientização*”, Terezinha de Jesus Amaral da Silva foi impelida a conhecer a primeira grande obra de Paulo Freire, “*Educação como prática da liberdade*”, um ajuste de sua tese no concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco. O livro contempla o final da década de 1950 até a primeira metade da década de 1960, mar-

cado pelo nacionalismo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek e pelo nacional-populismo de João Goulart. “*A partir dessa leitura, passei a compreender as relações de poder inerentes à ação educativa, cuja compreensão crítica só é possível conhecendo-se os princípios defendidos por ele: politicidade, contextualidade e dialógicidade*”, observa a doutoranda e mestre em educação.

A partir de 1992, como professora efetiva da rede estadual de ensino no Maranhão, Terezinha de Jesus conheceu as realidades da escola pública, as histórias de vida dos adolescentes, nas aulas de História e Língua Portuguesa, as implicações das contradições econômicas e sociais destas crianças e jovens. Tudo isso a fez perceber “*os extremos existentes em ser filho de pais trabalhadores assalariados, com renda máxima de um salário-mínimo ou desempregados, ou no trabalho informal, na condição abusiva de exploração e luta e em ser filho de trabalhadores, servidores, autônomos, empresários, num patamar diametralmente oposto, muito mais elevado*”, compara a educadora.

A nova experiência, em uma escola pública, comparada com a escola particular, conduziu Terezinha de Jesus Amaral da Silva a novas leituras de Paulo Freire, como a “*Pedagogia do oprimido*”, cuja centralidade está na contradição dialética opressor-oprimido mediante a análise das formas de opressão da educação capitalista e os caminhos para sua superação. “*Com a riqueza de conteúdo desta obra, pude elaborar uma visão mais crítica das realidades vivenciadas, aprofundando na compreensão da diferença entre duas concepções pedagógicas: a ‘bancária’ e a ‘problematizadora’, e a educação como prática da liberdade, trabalhando com conceitos como educação dialógica e diálogo, construindo uma*

teoria sobre a ação antidialógica. Uma leitura imprescindível à formação de professores”, afirma a docente.

Freire coloca o papel da educação como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da “*consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade*”. Ele defende uma educação que incentive a criticidade do aluno, indo além das disciplinas do currículo oficial. “*Nesse sentido, percebo que, de fato, suas ideias foram influenciadas pelo pensamento filosófico dialético, e não somente marxista e críticas ao capitalismo em seus desdobramentos em países periféricos, como o Brasil*”, observa Terezinha de Jesus Amaral da Silva.

Novas experiências

As obras de Paulo Freire continuaram auxiliando na prática de Terezinha de Jesus Amaral da Silva mesmo em outro momento da sua trajetória, quando ela, a partir de meados de 1994, iniciou a experiência no Ensino Superior, no então recém-criado curso de Pedagogia, como professora substituta de Currículo e Didática (PROCAD/UEMA), e de 1998 a 2002, nesta mesma condição, como professora do Departamento de Educação II da Universidade federal do Maranhão (Psicologia e Didática). “O desafio foi buscar e aprofundar conhecimentos nestes campos específicos, num constante aprendizado, na perspectiva de corresponder às demandas emergentes e inerentes ao trabalho”, relata Terezinha de Jesus.

Neste período de oito anos, ela teve contato com mais quatro importantes obras de Paulo Freire: *Cartas à Guiné-Bissau* (1975); *Educação e mudança* (1981); *Pedagogia da Esperança* (1992) e

Política e educação (1993). “*Sem dúvida, foi também um período de maior diálogo com o contexto de outras escolas na condição de coordenadora pedagógica, além de professora. A experiência da sala de aula tem sido, de forma diferenciada, desde o início, a referência teórico-prática para o magistério superior. Com estas obras, refleti sobre a prática, redimensionei os conhecimentos, reconstruí caminhos metodológicos nas orientações dos alunos, bem como as relações com outros professores*”, conta Terezinha de Jesus.

Conteúdos

Mas que conteúdos essas obras de Paulo Freire trazem para a formação docente? Em “*Cartas a Guiné-Bissau*”, ele registra as experiências únicas e enriquecedoras naquele contexto e aprofunda sua análise sobre alfabetização de adultos naquele contexto. Em *Educação e Mudança*, Freire propõe mudanças individuais e coletivas, com o objetivo de expor a necessidade da mudança qualitativa da percepção do mundo. Freire refere-se ao processo de substituição de uma percepção distorcida da realidade, por uma percepção crítica da mesma e assegura que esta não se realiza fora da práxis de transformação da vida.

Com a “*Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*”, o leitor tem contato com relatos das experiências e discussões com trabalhadores, indígenas, camponeses, ministros e europeus. Em seu texto direto, Freire constrói uma conversa pedagógica, filosófica, crítica e humanística, com percepções que nos falam sobre o papel da educação progressista, para a formação de uma sociedade democrática.

Já em “*Política e Educação*”, Freire reforça o compro-



Banco de Imagens

misso político com a formação de sujeitos participativos e resistentes à dominação pela apropriação da cultura, dos conhecimentos e da crítica, conduzindo a reflexões sobre o papel da escola e o papel dos educadores, a quem não cabe apenas passar para o aluno os conteúdos, mas fomentar reflexões, através do diálogo contextualizado sobre as relações implícitas no mundo que ele vive. “Com a apropriação dessas leituras é que a nossa ação docente se ressignifica, fortalecendo-se, em cada experiência educativa, na mediação de saberes”, destaca Terezinha de Jesus Amaral da Silva.

Alfabetização e letramento

As reflexões trazidas por Paulo Freire também ajudaram a docente no período em que

lecionou na Educação de Jovens e Adultos, com alfabetização e letramento de algumas turmas noturnas em duas escolas estaduais de São Luís. Ela lembra que vivenciou muitas histórias impactantes, com trajetórias de vida e experiências enriquecedoras, que a permitiram amadurecer como pessoa e profissional. “Nesse contexto, busquei aprofundar questões sobre o método de Paulo Freire, centrando uma atenção mais epistêmica no momento político dos trabalhos de Freire com a alfabetização de adultos nordestinos, nas experiências como professor”, explica Terezinha de Jesus.

Foram cerca de 10 anos paralelos ao magistério superior, que lograram resultados qualitativos muito expressivos, com a alfabetização temática, temas geradores, com o objetivo de problematizar a alfabetização de jovens traba-

lhadores informais, empregadas domésticas cujos padrões não reconheciam seus direitos, mães solteiras, avós-mães, homens e mulheres calejados pelas injustiças sociais, por preconceitos e pela opressão.

Com um trabalho duro e esperançoso, Terezinha de Jesus diz que conseguiu a frequência nos estudos da maioria dos alunos e alunas, além de motivá-los a conhecer e lutar pelos seus direitos, esclarecendo muitas questões do cotidiano. “Como professora, também contribuí para que a modalidade e sua metodologia freireana pudessem ser contempladas nos projetos político-pedagógicos das escolas por onde passei, chegando, inclusive, a contribuir com escolas comunitárias, municipais e filantrópicas”, relata a docente.

Apesar disso, Terezinha de Jesus Amaral da Silva afirma que

Paulo Freire não foi um semideus ou guru: ela se sente na condição política e pedagógica de examinar seus escritos e reconhecer a grandeza das suas contribuições ao mundo, ao país, à Região Nordeste, à formação de professores e à alfabetização de muitos trabalhadores direta e indiretamente. “Basta apenas um estudo cuidadoso e desprezioso para se confirmar que nosso mestre, como muitos outros nomes, não ‘roubou’ método de ninguém ou copiou práticas já recorrentes. As acusações feitas ao seu legado nascem tanto da incapacidade da crítica científica quanto da ‘doutrinação’ de quem as faz, por mero capricho político eleitoral. Posso discordar das posições que considero por demais extremistas ou radicais do autor, sem jamais deixar de reconhecer que a relevância de sua obra é soberana posterior aos objetos dessa crítica”, defende a professora.

Escola pública

Por essas razões, Terezinha de Jesus Amaral da Silva recomenda aos alunos dos cursos de licenciatura, em especial aos de Pedagogia, que se comprometam em conhecer Paulo Freire como estudiosos curiosos, “como um exercício filosófico necessário à defesa da escola pública, obrigatória, de qualidade, que não reproduza um currículo que conforma e adentra futuros sub-trabalhadores, mas que incentive a construção de conhecimentos com e pela autonomia didática”, afirma.

A partir de 2003, como professora efetiva do Departamento de Educação e Filosofia do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN/UEMA), Terezinha de Jesus tem fortalecido as experiências nas áreas do Currículo, Educação de Jovens e Adultos, Letramento e Alfabetização e Educação em Espaços Não Escolares, tendo

como eixo interdisciplinar os princípios de Paulo Freire. “Nossa prática pedagógica em torno das aulas, nos diálogos com os futuros pedagogos e futuras pedagogas vem se fortalecendo, não somente com a leitura direta de suas obras, como também de grandes nomes brasileiros que as analisam e avaliam com grande peso e crédito à educação pública a que temos nos dedicado com afinco. No acompanhamento de pesquisas e trabalhos, orientações de TCC e projetos de extensão, a nossa tônica tem sido resgatar este legado, constituindo-o como eixo norteador nas nossas elaborações e publicizações”, descreve a doutoranda e mestre em educação.

Em sua prática, ela destaca também o estudo cuidado e contextualizado sobre o Método de Alfabetização nas disciplinas de Fundamentos e metodologia da Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização e Letramento, vinculado ao pensamento filosófico de Freire sobre a educação transformadora, em uma perspectiva crítico-emancipatória, suas pertinências em detrimento das diversas e duvidosas interpretações sobre sua viabilidade. “Sempre envolvo os acadêmicos a irem mais a fundo nas suas leituras, com o objetivo de distanciá-los de uma visão receituária, e com deturpações de seus princípios epistemológicos. A participação em diversos grupos de pesquisa e projetos, como colaboradora e coordenadora, tem oportunizado constantes revisões à obra de Paulo Freire, especialmente no Saberes, Pesquisa e Experiência em ejaí, que tem um viés de sustentação teórico baseado nas obras e experiências de Paulo Freire, com ricas experiências e publicação de artigos”, detalha Terezinha de Jesus.

Reflexões e produções

Paulo Freire fez e ainda faz parte do cotidiano e das produ-

ções da educadora em outros contextos, como no Curso de Especialização em Educação de Jovens, Adultos e Idosos (2013-2015) em vários polos da UEMA, um espaço-tempo, segundo ela, de muitos estudos, reflexões e produções de artigos, posteriormente publicados em uma edição especial por este mesmo grupo de pesquisa.

No projeto de Extensão “Escola de Educadores” de 2013-2017, ela contribuiu teórica e metodologicamente com a formação continuada de professores em duas escolas comunitárias do Coroadinho, referentes à prática da leitura literária infantil, com estudos, oficinas pedagógicas, organização e gestão de bibliotecas, com cerca de 8 acadêmicas de pedagogia cujos relatos e registros resultaram em 4 trabalhos de conclusão de curso, 2 artigos, 1 capítulo de livro e resumos apresentados em eventos, com avaliação muito positivas e satisfatórias das 30 professoras destas escolas e mais de 200 crianças beneficiadas nestes 6 anos de vigência do projeto.

No projeto “Alfaletando” (2016-2021) os municípios de Paulino Neves e Araisos ainda estão sendo beneficiados com ações pedagógicas, estudos e oficinas sobre letramento e alfabetização em metodologias diversificadas de alfabetização, dentro das perspectivas socioconstrutivistas e dialógica. “Alcançamos cerca de 500 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, apesar dos impedimentos da crise pandêmica em que tivemos que restringir as nossas socializações com os educadores destes municípios. De forma especial, na Disciplina de Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, dinamizamos os estudos com a leitura dos vários livros e lançamos o desafio às

Paulo Freire e a Educação Ambiental: um exercício nos quintais

Experiências práticas de interação com a comunidade são vivenciadas por meio da Pedagogia de Quintais, relatada por pesquisadores Roberto Mauro Gurgel Rocha, Heloisa Cardoso Varão Santos e Eduardo Almeida, na busca pelo compartilhamento de saberes

A Educação Ambiental, embora não seja explicitamente referenciada na obra de Paulo Freire, é uma das dimensões em que o seu pensamento se expressa. Freire nunca deixou de relacionar a vida do ser humano com a nossa casa comum, a terra e seus seres. E reconhecendo a necessidade de melhor cuidar do mundo, destaca, em uma de suas cartas, a necessidade de atenção à responsabilidade de constantemente acreditar que mudar é possível. Nesse pensamento, a Pedagogia de Quintais se constitui em um movimento formado pelo tripé: Sensibilização, Mobilização e Ação, que visa práticas educativas em diferentes territórios de aprendizagem. Através dela, se propicia o desenvolvimento de atitudes potenciais e viáveis, em uma busca contínua de interações de ações, entre os níveis de ensino, entre as escolas e as comunidades rurais e urbanas.

O ponto de partida são os quintais, lugares explorados através dos temas geradores terra e babaçu, na experiência de formação de Educadores das Áreas de Assentamentos da Reforma Agrária (PRONERA). A atividade foi acompanhada pelos pesqui-

sadores Roberto Mauro Gurgel Rocha, Heloisa Cardoso Varão Santos e Eduardo Almeida, que identificaram em uma frase de Paulo Freire o ponto de partida para a realização da experiência: *“o que não é possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonhos, sem utopia e sem projeto.”*

Nesse sentido, Paulo Freire lançou sua proposta de uma Educação Libertadora, contrária à educação domesticadora e bancária. Para Freire, “educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que pouco sabem, por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes transformando seu pensar em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.”

Esta é uma importante assertiva no pensamento freiriano no que se refere ao diálogo com os mais simples, que não somente têm saberes que desconhecem e que podem aflorar na relação com outros que sabem algo e precisam saber mais. O livro do qual foram retiradas estas duas citações foi escrito direcionado aos extensionistas rurais que trabalhavam com

camponeses no Chile, intitulado *“Extensão ou Comunicação”*. O que está escrito é bastante atual e serve de alerta a todos os que querem transformar o mundo na direção de uma sociedade sustentável e justa. Dentro disso, não podemos deixar de pensar em um processo de Educação Ambiental sem aproveitar os saberes dos povos tradicionais com suas práticas de vida sustentável e aproveitar as suas pedagogias – sejam eles indígenas, quilombolas ou povos do campo.

Outro importante ensinamento deixado por Freire foi o respeito às práticas do cotidiano e dos lugares onde se vive. Nesta direção, destaca a responsabilidade dos educadores tanto na escola como na sociedade de estimular em suas missões, dentre outras tarefas, o fortalecimento do papel estratégico da formação das crianças e jovens incorporando valores humanistas e ambientais.

Vale destacar algumas experiências desenvolvidas no Maranhão seguindo as orientações pedagógicas freirianas de educadores ambientalistas. A preocupação com a natureza adquiriu importância e ocupa lugar de destaque no rol de interesses



Banco de Imagens

turmas com as leituras de Paulo Freire, que, ao final, são apresentadas e socializadas em forma de seminários pelos alunos e alunas”, relata Terezinha de Jesus Amaral da Silva.

Em seus estudos para doutoramento, tendo como objeto de pesquisa a *“Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na escola pública maranhense: implementação de competências para a conformação ou para a autonomia?”*, Terezinha de Jesus adotou como fundamentação a teoria crítica de Currículo para analisar as noções, percepções e apropriações de sentidos e suas implicações na construção do currículo da escola pública maranhense. *“Especificamente, na materialidade da prática docente nos Anos*

Iniciais do Ensino Fundamental. Neste trabalho, em andamento, destaco Paulo Freire, dentre outros autores convergentes, como referência aos estudos empíricos”, explica a docente. “Homenagear a memória de um dos nossos grandes mestres é reconhecer a necessidade de maiores estudos, debates e publicações. Este tem sido o nosso compromisso com a produção de trabalhos interdisciplinares, nas diversas temáticas referentes à educação libertadora. Esses relatos são uma homenagem aos colegas professores, alunos e alunas, em especial aqueles que se destacaram como defensores de suas ideias (in memoriam) e aos pares que ainda se dedicam com afinco, concentrando todos os esforços para manter vivo o seu legado”, conclui Terezinha de Jesus Amaral da Silva.

das mais diferentes organizações sociais. Hoje, é perceptível a devastação ambiental decorrente do processo de desenvolvimento industrial, da urbanização e da dependência humana das grandes empresas e políticas em monoculturas. Vemos a importância de práticas ambientais integradoras articuladas no pensar global e na leitura da eco pedagogia, pensada como um movimento social e da cultura da sustentabilidade, como projeto de educação que implica reorientações de vida nos diversos lugares do mundo, voltadas para a sustentabilidade e a garantia de uma sociedade mais sustentável.

Ações de cidadania

De acordo com os pesquisadores Roberto Mauro Gurgel Rocha, Heloisa Cardoso Varão Santos e Eduardo Almeida, a Pedagogia de Quintais (PQ's) compreende as ações em prol da cidadania, por meio de projetos integradores de valorização do quintal, possibilitando atividades viáveis em busca de uma integralidade e em prol dos valores locais, do diálogo de saberes. *“Acreditamos que a manutenção dos quintais não é uma questão menor, de complemento da casa, é uma questão de sabores e saberes, culturais milenares e, essencial para o exercício de uma educação ambiental pautada em teorias e práticas que ganharam forças nesse período pandêmico de percebermos a emancipação, de assumir o dever de lutar e fazer algo por nossas riquezas”*, descrevem.

A PQ's amplia o campo de reflexão e ação e se entranha como possibilidade e sutileza na vida cotidiana, nas moradias, nos espaços públicos e privados, nos lugares de estudo, de lazer, nas áreas de jardins, quintais, parques, nascentes de riachos, florestas e bosques. Conforme os pesqui-

sadores, trazer e fazer acontecer sustentabilidade para as comunidades é saúde, é abrir trincheiras e resistir com ações em potenciais que ainda persiste em cada um de nós.

Isso, apesar de a pandemia ter imposto novas práticas sociais mediadas pela tecnologia e pela criatividade, na busca de novas formas de dialogar e agir e poder fazer uma readaptação de rotinas e ações nos quintais de nossas comunidades, acionando redes de produção para o consumo local e abrindo fronteiras no enriquecimento dos laços humanitários de sustentabilidade e solidariedade.

Desta forma, a pandemia alavancou ainda mais a possibilidade de contribuições que um lugar/quintal pode proporcionar, na construção da consciência e da sensibilização ecológica das comunidades e, conseqüentemente, na minimização futura de algumas dessas problemáticas.

Cabe ressaltar a importância do mapeamento dessas ações, como forma de registro de diferentes atores e formas de atuar e, que os mesmos possam estar em simbiose em prol da sustentabilidade. *“Precisamos ver o mundo pelo olhar dos nossos locais, e não ao contrário, não podemos ficar acostumados e contentes com o conforto das ideias estabelecidas, de receber tudo pronto, pela lógica consumista do capitalismo, do que é produzido para nós. É necessário lutar por mais soberanias, entre elas a alimentar do e pelos quintais”*, defendem Roberto Mauro Gurgel Rocha, Heloisa Cardoso Varão Santos e Eduardo Almeida.

Os quintais urbanos nos são apresentados de diversas formas, uma vez que ao mesmo tempo em que são globais, as relações que propiciam se concretizam nos lugares com caracte-

rísticas específicas, tornando-se o seu estudo muito importante para a sociedade. *“Esse desafio de sustentabilidade nas relações entre cidadão e cidade é um caminho a ser percorrido que encoraja uma coexistência pacífica na procura de projetos comuns partilhados por todos e para todos, orientados em ações democráticas, que promovam a qualidade de vida, a emancipação dos sujeitos e a mobilização dos saberes”*, reforçam os pesquisadores.

Experiências

A experiência relatada foi desenvolvida em diversas escolas de Caxias/MA. A Sede da Pedagogia de Quintais está no Bairro Cangalheiro, na Avenida Senador Clodomir Cardoso, 1375, com reformulações espaciais e de ações, mantendo a agenda das escolas, seguindo o calendário anual organizado com ingredientes, pedagógicos e didáticos, tendo em vista a aprendizagem e a formação cidadã dos alunos e/ou comunidade.

Algumas das ações desenvolvidas durante o projeto foram: escutas e diálogos com a comunidade para a implantação do projeto nas escolas, destacando a análise da realidade de cada espaço escolar; propiciar situações de sensibilização e do brincar sobre a importância de práticas ambientais em aulas campo; confecção das casas de sementes na escola; produção de mudas, nativas e frutíferas, para o (re)plântio e troca solidária em escolas/comunidades de Caxias/MA; e doações de materiais necessários para a construção de canteiros.

Outra experiência realizada com base nos pressupostos freireanos foi implantada pela Coordenação de Extensão da PROEXAE-UEMA nos anos 2002 a 2009 nos Assentamentos



da Reforma Agrária, em convênio com o INCRA-FETAEMA-FACT UEMA e envolveu 18 alunos dos cursos de Licenciaturas como bolsistas responsáveis pelo acompanhamento das atividades desenvolvidas nas áreas de Assentamentos.

Destacamos o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, executado no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, que visava ampliar e qualificar a oferta de educação básica e superior às populações do campo. Na UEMA, o Programa foi desenvolvido por professores do Departamento de Educação e Filosofia -DEFIL com a proposta de alfabetização de jovens e adultos assentados e a formação inicial e continuada dos alfabetizadores e a formação inicial pelo Programa Magistério 2001 -UEMA de forma semipresencial, envolvendo educadores dos municípios de São Mateus (19 professores), de Barra do Corda (15), de Monção (4) e de Bacabal (4), sendo todos agricultores das áreas de assentamentos.

Os materiais didáticos foram elaborados em parceria com os trabalhadores rurais, após o diagnóstico do universo vocabular e pontuamos os temas ambientais, como: terra, plantação, agrotóxicos, sustentabilidade, alimentação saudável; agricultura sustentável etc., que foram problematizados e aprofundados nos momentos de escolarização dos professores a fim de instrumentalizá-los para as discussões face à problematização da realidade, que tem por objetivo sair da visão ingênua por uma visão crítica, capaz de transformar o contexto vivido e só a partir da consciência que os homens adquirem, poderem decidir o que fazer para mudar a realidade.

A exploração do tema gerador terra, com base na Carta da Terra, foi decodificada por meio de imagens de jornais e revistas e dramatizações, e as discussões trouxeram a tona os conflitos agrários gerando a confecção de um jornal mural “Gente que faz”, com denúncias da depredação ambiental nos municípios.

A Carta da Terra, enquanto declaração universal, trouxe temas pertinentes aos princípios

norteadores para a humanidade a caminhar com o desenvolvimento sustentável e criar uma ética globalizada, um código de conduta para pessoas e nações rumo à sustentabilidade, capaz de refrear o consumismo predatório dos países ricos e ajudar a eliminar a partir de onde cada um vive, a escassez de alimentos, o melhor aproveitamento dos produtos naturais. Após as discussões em sala, os alunos se manifestavam por meio de desenhos e pequenos textos, frases e recortes de jornais.

A partir do registro das informações pertinentes ao tema, buscamos fazer o levantamento de ações voltadas para os princípios da Carta da Terra lançada em 2000/2002: Respeitar e cuidar da comunidade da vida; integridade ecológica; democracia, não violência e paz. As sugestões dos grupos partiram da identificação dos problemas relativos à falta de respeito às diferentes formas de vida e as ações destrutivas por meio da caça aos animais silvestres, dos efeitos das construções de estradas, da falta de ações preventivas e da adoção de consumo, produção e reprodução que respeitem e salvaguardam os

direitos humanos e a capacidade regeneradora da Terra. As ações concretas foram discutidas em seminários.

Outro tema gerador foi o babaçu, desencadeado a partir da leitura de imagem (pinturas, fotografias e gravuras) e as letras de músicas sobre a cidadania no campo e obras de arte do pintor Avelar Morim e fotografias sobre o trabalho das Quebradeiras de Coco. A problematização da realidade foi ampliada com os depoimentos das agricultoras e das quebradeiras de coco. Partimos de leitura de textos que destacavam o babaçu na vida dos maranhenses, seguido de exposições de artes, poemas e dramatizações denunciando a exploração do trabalho das Quebradeiras de Coco.

A exposição dos produtos a partir do babaçu e os seus benefícios foram feitos na Feira da Terra, destacando o azeite de coco, o sabão de coco, a farofa de coco e o artesanato com coco. A Carta da Terra traz um item

voltado para o compartilhamento dos benefícios do uso de recursos naturais e de um meio ambiente saudável entre ricos e pobres, homens e mulheres e gerações presentes e futuras, internacionalizando os custos ambientais sociais e econômicos. Ao final do Curso, o Estágio foi desenvolvido por meio de projetos desenvolvidos na comunidade com os alunos assentados.

Despertar para o aprendizado

Os pesquisadores Roberto Mauro Gurgel Rocha, Heloisa Cardoso Varão Santos e Eduardo Almeida afirmam que a solução para muitos dos problemas urbanos de nossa cidade está diretamente relacionado às questões socioambientais, fazendo-se necessário a implantação de projetos que despertem nos professores/comunidade a busca de direitos, o prazer na reconstrução do espaço/lugar, rumo a um aprendizado constante que pode

estar agregado à sustentabilidade. “*Dessa forma, a reflexão e a ação de educadores e educandos dos Assentamentos estão balizadas nos pressupostos freireanos voltados para a problematização da realidade a fundamentação teórica e o novo olhar sobre a realidade buscando transformá-la*”, observam. “*O resgate cultural visando a transformação do lugar é uma ação que propicia a compreensão de coisas simples a serem desenvolvidos por meio de propostas eco pedagógicas que ultrapassam a Pedagogia de Quintais, não só como mais uma pedagogia, mas como um projeto de vida, que pensa o global e valoriza os quintais*”, reforçam os pesquisadores.

Dessa forma, a prática da pedagogia de quintais em consonância eco pedagógica propicia mudanças de atitudes dos sujeitos envolvidos, tornando uma prática saudável, enquanto promoção de aprendizagem e valorização da vida na Terra e valorizando o ressignificar do lugar com características particulares em conexão com a vida, em particular da vida sustentável.



Um reencontro com Paulo Freire

Participantes do XXXIII Encontro Estadual das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária do Estado do Espírito Santo festejam, ainda que de forma virtual, o centenário de nascimento do educador

Garantir que a escola esteja presente na vida das educandas e dos educandos e, ao mesmo tempo, manter a unidade e o acompanhamento das ações pedagógicas no interior das áreas de assentamentos. Esses foram os principais objetivos do XXXIII Encontro Estadual das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária do Estado do Espírito Santo, realizado no último dia 9 de julho, pelo segundo ano consecutivo de forma virtual, devido ao período de pandemia.

Apesar da impossibilidade da presença física entre os participantes, o evento atingiu suas metas, conforme a organização. “*Mesmo neste formato, fomos tocadas e tocados pela emoção das místicas, das cantorias, das poesias e das reflexões da práxis pedagógica suscitada nas narrativas dos sujeitos Sem Terra, embalados com o lema ‘Pedagogia do Movimento: Resistir e Avançar’, momento em que também celebramos o centenário Paulo Freire*”, informou o Setor de Educação do MST-ES, organizador do Encontro, por meio de comunicação oficial.

Do Encontro também resultou um documento, intitulado “*Carta do XXXIII Encontro Estadual dos Educadores e das Educadoras da Reforma Agrária do Estado do Espírito Santo a Paulo Freire*.” A carta foi o resultado da mesa: De-

safios e possibilidades da educação do MST/ES: dialogando com os sujeitos Sem Terra. Pelo Setor de Educação do MST. “*Buscamos, por meio da carta, contar a ele nossas ações e os desafios prescritos às educadoras e educadores do MST do Estado do Espírito Santo. Sendo uma carta datada, contextualizada e cheia de amorosidade, cada um que, ao ler, sentirá convocado a seguir adiante na construção da Reforma Agrária Popular*”, observam os organizadores do Encontro.

Ao longo de 35 anos de história, o MST busca reafirmar em sua práxis educativa o papel das educadoras e educadores do Movimento nos processos de luta e construção da Reforma Agrária Popular. Na compreensão do MST enquanto sujeito educativo, o vigor da Pedagogia do Movimento e sua relação com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire apon-

tam como horizonte um projeto de educação e de país com centralidade no ser humano e na sua relação com a natureza. Essa foi a mensagem geral transmitida aos participantes do Encontro virtual, mantendo viva a chama da esperança por uma Educação Pública e Popular, fortalecendo a Educação do Movimento como forma de construção de um espaço de unidade e afirmação das relações de solidariedade e generosidade.

Na avaliação dos organizadores, o Encontro foi muito bonito, em que foram reafirmados os valores pregados por Paulo Freire, especialmente o compromisso de seguir adiante na luta por uma educação pública e socialmente referenciada, como direito de todos, na perspectiva de uma formação dialógica-crítica, humanista-libertadora.



Fonte: Setor de Educação MST-ES

CARTA DO XXXIII ENCONTRO ESTADUAL DOS EDUCADORES E DAS EDUCADORAS DA REFORMA AGRÁRIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO A PAULO FREIRE

*Pedagogia do Movimento: Resistir e Avançar!
Celebrando o centenário Paulo Freire*

Prezado Paulo,

Esperamos que você, onde quer que esteja, nos ouça neste momento!

Estamos nós aqui realizando o XXXIII Encontro Estadual dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária do Estado do Espírito Santo. Sim, nosso XXXIII encontro! São 33 anos de lutas na defesa da educação pública, laica e socialmente referenciada. Ao longo deste tempo, Paulo, contamos com diversos parceiros, camaradas, amigos e entidades que construíram conosco um projeto de educação. Lembramos, Paulo, que foi aqui, no Espírito Santo, que se consolidou o Setor de Educação do MST, com um punhado de camaradas que ousaram sonhar. E hoje, ao rememorar esta história, trazemos presente o seu legado! Sim, estamos também comemorando o seu centenário.

Relembramos através desta carta os sonhos que você tinha ao pensar o Brasil. Mesmo distante, impedido de estar conosco por conta do exílio que a ditadura militar lhe impôs, você ousou sonhar: com a mangueira, com o sabor de seus frutos, com o cheiro da terra molhada, com um Brasil melhor para todos e todas.

Ab, Paulo, que saudades temos de você. Ficamos aqui imaginando o que nos diria em tempos tão sombrios. Você sabe que estamos passando por um momento conjuntural em que mais de meio milhão de pessoas perderam a vida por terem sido vítimas da COVID-19. Sim, são muitas pessoas! O opressor segue oprimindo. Acho que neste momento você nos perguntaria: e vocês, o que estão fazendo? Como estão enfrentando o opressor?

Sabe, Paulo, temos sofrido, mas não perdemos nossa capacidade de nos indignarmos e seguirmos lutando. São muitas as pautas. Todo dia o cenário muda. Mas nós, por vezes interpelados pelo cansaço, pela falta de perspectivas, pela falta de um ente querido que a COVID levou ou a falta de políticas públicas que nos ajudem a enfrentar esse momento, quando sentimos vontade de abaixar a cabeça e desistir, encontramos sempre um companheiro ou companheira que nos motiva a seguir adiante. Olhamos para trás e vemos crianças, mulheres e homens que lutaram, e muito, para que hoje pudéssemos contar esta história. Ai... aí erguemos a cabeça e seguimos!

Nossa, temos tanta coisa para contar, mas depois lhe mandamos outra carta. Hoje, queremos te dizer que somos muito gratos pela sua generosidade, sua capacidade de amar, de aprender e ensinar. Com você seguimos construindo a educação que defendemos. Hoje, tivemos a honra de ouvir aqueles e aquelas que nos ajudam a tecer essa história. Você percebeu, Freire, que Pedro, Isabele, Ana Clara, Solange e Geísa relataram o quanto ensinam e aprendem neste nosso Movimento? Nos territórios de assentamentos de Reforma Agrária vamos juntos, diuturnamente, construindo processos educativos com muitas pessoas. Foi uma lindeza só a construção deste momento. Devido à pandemia não podemos nos encontrar pessoalmente, mas os Sem Terra dão um jeitinho de, mesmo que na telinha do computador, manter viva a mística que nos une.

Realizamos anteriormente algumas assembleias que nos permitiram trazer esses sujeitos que aqui

representam muitos outros. Você precisa ver que lindeza os educandos se auto-organizando, criando seus próprios critérios – inclusive destacamos um que tem muito a ver com o que você nos ensinou: “ter compromisso com o estudo e com a luta”. As crianças nos ensinam que são comprometidas com sua escola, com sua comunidade, com seus educadores. Dizem gostar de estudar numa escola do campo, numa escola de assentamento. Ah! Olha o que nos disse uma mãe numa dessas assembleias, “Quando minha filha estudava na escola da rua, era diferente. No assentamento minha filha aprendeu a cuidar da escola. Acho isso muito bonito na escola do campo”.

Como não se emocionar, Paulo, com esses relatos que demonstram que nossa história está sendo escrita por todos os sujeitos que se comprometem com o campo e sua gente? Uma filha nos contou também que “Nunca é tarde para aprender”. Ela firma: “Minha mãe está com 70 anos e está ansiosa para voltar a estudar”.

Sabemos, Paulo, que tudo isso nos motiva a seguir adiante, mas não podemos deixar de te contar os nossos desafios. Sim, nós nos sentimos orgulhosos aos vermos as inúmeras conquistas, mas somos também desafiados a cada dia quando olhamos para nossas áreas e enxergamos o tamanho do nosso compromisso e das pautas pelas quais ainda temos que lutar.

Estamos organizados em 10 acampamentos, 62 assentamentos e acompanhamos 26 escolas. Temos o desafio de chegar a todas as escolas de assentamentos, de nos espraíarmos pelo Sul do Estado e também o de lutar pela Educação Infantil como direito de todas as crianças, incluindo a participação efetiva de todas elas. Lutamos pela melhoria da estrutura de nossas escolas, pela conquista da Educação de Jovens e Adultos para garantia do acesso e permanência de todos aqueles e aquelas que desejam estudar.

Sabe, Paulo, tudo isso nos provoca a lutar pela garantia da nossa Pedagogia no chão das escolas. A Pedagogia do Movimento, nossos instrumentos pedagógicos, a Pedagogia da Alternância. Entendemos que quem faz tudo isso acontecer são as pessoas, comprometidas com a educação e com os sujeitos que são os protagonistas desse processo. Portanto, também lutamos pela aprovação das Diretrizes Estaduais das Escolas de Assentamentos, como forma de materializar uma demanda que nos ajude a continuar essa defesa também, nos espaços de tomada de decisões.

Finalizando esta carta, Paulo, nos comprometemos a seguir seu legado, de um ser humano que construiu uma Pedagogia tecida com o povo, na vida, na história e nas contradições que essa sociedade capitalista nos impõe.

Com você aprendemos que “por mais que se apregoe hoje que a educação nada mais tem que ver com o sonho, mas com o treinamento técnico dos educandos, continua de pé a necessidade de insistirmos nos sonhos e na utopia. Mulheres e homens, nos tornamos mais do que puros aparatos a serem treinados ou adestrados. Nos tornamos seres da opção, da decisão, da intervenção no mundo. Seres da responsabilidade” (FREIRE, 2000, s/p).

Freire, um afetuoso abraço dos Sem Terrinha, das educadoras e dos educadores, das famílias, do Setor de Educação do MST, que veem em você a chama da esperança, a possibilidade de continuarmos sonhando e juntos construirmos a educação que defendemos.

Espírito Santo, 9 de julho de 2021.



A práxis de Paulo Freire na formação de docentes

Artigo das professoras Natarsia Camila Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira detalha o Programa Ensinar, de Formação de Professores, da UEMA, que adota a perspectiva de Paulo Freire para a formação permanente, no enfrentamento crítico e reflexivo do cotidiano

Um instrumento que possibilite formar professores para o exercício da docência na educação básica, a partir de conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, para a construção de valores éticos, linguísticos, estéticos, políticos e profissionais, em um diálogo constante entre diferentes visões de mundo. Essa amplitude de possibilidades é fornecida pelo Programa Ensinar, de Formação de Professores, da Universidade Estadual do Maranhão. Também são objetivos fortalecer a política de formação docente para a educação básica no Estado do Maranhão, atendendo às demandas municipais para a formação docente na educação básica.

“*Pretende-se contribuir para a mudança dos indicadores sociais e educacionais do Estado do Maranhão. Os alunos contam com um completo sistema de apoio pedagógico e são estimulados constantemente a participar do ambiente acadêmico, por meio de eventos, produzindo trabalhos e publicando em periódicos científicos. Da mesma forma, os professores do programa passam por treinamentos, reuniões de planejamento e acompanhamento pelas respectivas direções de curso, visando manter a associação das suas atividades aos objetivos e metas do Programa Ensinar*”, descrevem as professoras Natarsia Camila Luso Amaral, Especialista em Educação Matemática (UNIASSSELVI) e em Metodologia do Ensino de Matemática

(INTERVALE) e Regina Célia de Castro Pereira, professora Adjunta do Departamento de História e Geografia (UEMA) e Doutora em Geografia (FCT/UNESP).

Com aulas ministradas aos sábados e domingos, o Ensinar está presente em 28 polos e oferta os cursos de Ciências Biológicas Licenciatura; Ciências Sociais Licenciatura; Física Licenciatura; Geografia Licenciatura; História Licenciatura; Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas; Matemática Licenciatura; Pedagogia Licenciatura, Química Licenciatura.

Criado em 2016, com aulas iniciadas em setembro de 2017, o Programa Ensinar tem mantido a atualização do arcabouço teórico das disciplinas, com a busca de oportunidades e experiências de trabalho aos acadêmicos, incentivando-os a publicar os resultados dos projetos desenvolvidos em disciplinas. “*São exemplos disso os componentes curriculares Prática de Vivência e de disciplinas específicas, inserção dos acadêmicos na pesquisa e/ou voluntários, bem como em ações sociais*”, observam as professoras Natarsia Camila Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira.

Perspectivas

Conforme as educadoras, a perspectiva de Paulo Freire é a que coaduna com as concepções

teórico-epistemológica do Programa Ensinar, na qual a práxis é ação e reflexão, e está, intrinsecamente, vinculada com a formação permanente, no enfrentamento crítico e reflexivo do cotidiano.

“*Compreendemos que, para uma educação e formação críticas, é preciso consolidar a práxis educativa com consciência crítica da realidade vivida. É de responsabilidade dos programas de formação de professores, formar profissionais capazes de contribuir para o processo de reorientação curricular da escola*”, ressaltam as educadoras. “*O compromisso precisa dar-se no exercício da transformação da realidade opressiva, ou seja, da libertação dos oprimidos, de modo que pela educação crítica, possamos chegar a uma emancipação social*”, reforçam.

Dessa maneira, ao longo do percurso formativo, o programa proporciona o diálogo com a pedagogia freiriana, propondo alternativas reais e humanas, que possibilitem aos indivíduos a produção da libertação, de modo que o estudante seja formador de sua própria ação, história e educação.

Entendendo que a práxis seja um compromisso do professor, Paulo Freire afirmou, na obra Educação e Mudança, que “[...] o compromisso do profissional com a sociedade nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento do profissional ao qual segue o termo com a sociedade.” Dessa maneira, o docente com compromisso crítico

co e ético contribui para mudança da realidade opressora, uma vez que a educação tem também sua dimensão humana.

“*É preciso que o professor compreenda a importância de estimular o desenvolvimento participativo dos estudantes, pois cada sujeito tem uma história, e a práxis precisa ser autêntica e humana – o que só será possível se os estudantes forem protagonistas*”, defendem as professoras Natarsia Camila Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira. “*O exercício das práxis propagado pelo Programa Ensinar não é transferir ou depositar conhecimento, se dá em constante processo de atualização*”, completam.

O aluno e a práxis

O Programa Ensinar considera que é fundamental respeitar o estudante, sua autonomia, suas histórias, exigindo dos professores uma reflexão crítica permanente sobre sua prática, de modo a avaliar o fazer pedagógico. A práxis educativa, na perspectiva de Freire, propõe um modelo educacional com enfoque na qualidade do ensino, no diálogo e na reflexão crítica, e não em uma educação individualista, competitiva e excludente.

Nessa concepção de Freire, o Programa Ensinar tem como principais categorias da práxis a humanização, a dialogicidade, a problematização, a conscientização e a emancipação. “*Esses termos são utilizados em suas obras afirmando seu pensamento que a educação deve estar a serviço de uma transformação social. O processo de humanização no pensamento de Freire, está baseado na capacidade que cada sujeito tem de ser protagonista e criador. O ato de fato humanizador precisa ser consciente da superação e não da reprodução*”, afirmam Natarsia Camila Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira.



As professoras descrevem que trabalhar uma educação para a libertação da opressão precisa ser tarefa conjunta de educar e educandos: a libertação é tarefa dos oprimidos, mas mediada para que se supere a opressão e não a reproduza. “*Ao mudar apenas os sujeitos, o oprimido está tão acostumado com a opressão que permite que o opressor se instale em si e não percebe a inversão de papéis, e ao invés de caminhar em direção à libertação, caminha para a identificação e reprodução de opressão*”, observam.

Os diálogos dos estudantes são a primeira leitura de seus mundos, o que faz o ser humano (re) conhecer-se capaz de dizê-lo/dialogá-lo, pois no momento que o sujeito ler o mundo, ele (re) lê a sua própria existência, é a sua condição que ganha projeção, permitindo avaliar sua história, (re) inventar sua existência e possibilitar novas leituras de mundo. “*Não podemos silenciar as vozes dos sujeitos desse processo, pois estaríamos negando-lhes a práxis e refletindo uma sociedade opressora. A leitura de mundo do indivíduo possibilita o diálogo com sua realidade, ao refletir e fazer (re) leitura de mundos. É importante reconhecer os saberes dos estudantes e criar possibilidades, para que os alunos construam sua conscientização sobre sua realidade*”, escrevem as professoras Natarsia Cami-

la Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira.

Transformações

O Programa de Formação de Professores ensina que somente uma educação libertadora ou crítico-libertadora não transforma a sociedade: trata-se de um processo de humanização, como consequência de ações emancipadoras, e estar presente em distintos municípios do Maranhão, proporcionando a formação de pessoas com potencial, mas sem oportunidades, é uma ação emancipadora. “*Dentro de uma sala de aula temos uma heterogeneidade, e muitos professores acreditam que isso possa dificultar um trabalho. É preciso considerar os objetivos pelo qual os estudantes lutam, tendo em vista que ‘a falta de unidade entre os diferentes conciliáveis ajuda a hegemonia do diferente antagônico’*”, explicam as educadoras Natarsia Camila Luso Amaral e Regina Célia de Castro Pereira.

As professoras concluem que educar não é apenas o professor saber utilizar diferentes métodos e técnicas, é preciso ensinar a pensar certo, pensar criticamente, ser criativo, inquieto, investigador e persistente. “*Educar é compreender os sujeitos em seus contextos, suas vivências, suas experiências, contextualizando a educação enquanto processo de humanização*”, finalizam.

Decolonialidade do pensamento de Paulo Freire é uma das marcas de “Pedagogia do Oprimido”

Professora Ilma Fátima de Jesus mostra de que forma uma das obras clássicas do autor questiona práticas pedagógicas pautadas nas relações opressoras vivenciadas por estudantes, apontando que o ser humano tem de transformar-se num sujeito da realidade histórica

A obra “*Pedagogia do Oprimido*”, de Paulo Freire, possibilita uma série de análises amplas em diversos aspectos da sociedade. Um deles é o pensamento decolonial perpassado pela luta de libertação dos oprimidos, o que contempla um olhar sobre a opressão exercida pelos homens sobre as mulheres. Além disso, o livro questiona práticas pedagógicas pautadas nas relações opressoras vivenciadas por estudantes, e que devem ser relações respeitadas e positivas no convívio social. É interessante notar que Paulo Freire expressa seu pensamento relacionando-o com outros autores que dialogam sobre a opressão colonial, como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Albert Memmi e Amílcar Cabral.

“Paulo Freire dialoga e critica a realidade na luta de libertação dos oprimidos, explicando que o ser humano tem de transformar-se num sujeito da realidade histórica em que se insere, humanizando-se, lutando pela liberdade, pela desalienação e enfrentando uma classe dominadora que, pela violência, opressão, exploração e injustiça, tenta perpetuar-se”, explica Ilma Fátima de Jesus, Doutoranda em Educação pela UFMA e professora do

Programa Ensinar da UEMA.

Entender a consciência oprimida, a consciência opressora e a dualidade gerada pela submissão está entre os ensinamentos mais importantes de “*Pedagogia do Oprimido*”. Humanista e libertador, o livro analisa a pedagogia do ser humano que luta em um processo permanente por sua libertação, a partir da reflexão sobre a opressão e suas causas, o que gera uma ação transformadora, denominada de práxis libertadora.

“A obra detalha a contradição opressores-oprimidos e sua superação; a situação concreta de opressão e os opressores. Além disso, esclarece que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os seres humanos se libertam em comunhão. Freire destaca a amplitude do tema ao afirmar a pretensão de aprofundar alguns aspectos discutidos em ‘*Educação como Prática da Liberdade*’, refletindo que os seres humanos descobrem que pouco sabem de si, e se inquietam por saber mais”, reflete Ilma Fátima de Jesus.

Reflexões libertadoras

Em um dos trechos mais significativos do livro, Freire reforça a necessidade conscientização sobre a exploração sofrida,

ao afirmar que: “*estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos*”.

Por essas reflexões, Pedagogia do Oprimido é um instrumento de libertação de um processo de desumanização, num olhar decolonial sobre a opressão exercida pelos homens sobre as mulheres e outros gêneros, raças e etnias. “*Freire nos ensina a esse respeito em ‘Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa’*”, lembra Ilma Fátima de Jesus.

Para a Doutoranda em Educação pela UFMA, o pensamento decolonial de Freire abrange a liberdade da humanidade, homens e mulheres, de todas as idades, raças, etnias, condições sociais etc. “*Acompanhamos, neste século, a luta das mulheres marcada pelas marchas de libertação. Sua obra, ‘Pedagogia do Oprimido’, está empenhada na luta de libertação do ser humano*”, destaca a professora do Programa Ensinar da UEMA.

Em seu pensamento, Freire questiona o eurocentrismo no conhecimento no campo das ciências sociais. “*O eurocentrismo teria culminado na imersão das consciências*

dos colonizados em um processo denominado ‘colonização do ser’ que provoca a imersão da consciência dos oprimidos, leva à internalização e naturalização das categorias do eurocentrismo”, observa Ilma Fátima de Jesus. “*O autor retrata, dessa forma, a luta contra a opressão, as desigualdades e em suas obras a valorização dos saberes dos povos tidos como subalternizados está presente*”, reforça.

Nosso tempo

Na visão de Ilma Fátima

de Jesus, podemos considerar que vivemos tempos de opressão, por termos no cargo maior do poder político da nação um governante que dissemina ideias de ódio, agindo com descaso em pleno período pandemia. Mas isso não deve reprimir as oportunidades de reflexão, segundo a Doutoranda em Educação pela UFMA. “*Paulo Freire nos ensina a entender a consciência oprimida, a consciência opressora e a dualidade gerada pela submissão da qual precisamos nos libertar*”, afirma. “*Por esse motivo,*

indico a necessidade de leitura incessante de suas obras, que dão voz aos que se encontram em situação de desigualdade no acesso ao saber, como os que buscam escolarização tardiamente, para que o respeito aos direitos humanos, à raça/etnia e gênero, contribua para uma convivência social sadia num país diverso como o nosso”, completa. “*São reflexões muito importantes que vêm à tona no ano em que celebramos o centenário de nascimento de Freire, considerando a importância do seu legado para a educação no país e no mundo*”, conclui.



Paulo Freire e a Educação a Distância: uma prática educativa que se aproxima dos sujeitos

Ilka Marcia R. De Souza Serra - Coordenadora do UEMANET

Eliza Flora Muniz Arango - Assessora UEMANET

Laryssa Maria Coelho Neves - Colaboradora UEMANET.

Paulo Freire, o patrono da educação brasileira. Filósofo, professor universitário e grande educador, contribuiu sobremaneira para a compreensão e desenvolvimento de alguns dos principais processos educacionais aplicados no país e em várias outras localidades ao redor do mundo. Hoje, com tantas turbulências políticas e sociais, é possível afirmar que o método freiriano consolida-se como um processo ainda mais necessário e oportuno, que permite a transformação e a conscientização de pessoas e, conseqüentemente, de sociedades. Presente, significativo e atual, os ideais de Paulo Freire além de importantes, compõem uma conjuntura diferenciada e um legado atemporal para a educação brasileira.

Freire considera a educação como um ato de “aprender de e com”, onde o processo de ensinar não consiste exclusivamente na transferência mecânica de conteúdos do professor e “*detentor de todo o conhecimento*” para alunos passivos e sem voz, incapazes de contribuir para o próprio aprendizado. Para Freire, a educação é um processo que não se esgota, que exige de seus personagens curiosidade, pesquisa e investigação, onde o

educador não impõe sua leitura do mundo como “*única verdade.*” Em sua concepção o aluno é um personagem ativo e participativo em todo o processo de aprendizagem. Portanto, mais do que apenas teoria, seguir a proposta de Freire representa abrir novos caminhos de possibilidades de ensino e aprendizagem.

A data simbólica do centenário de Paulo Freire nos permite a reflexão de como o seu trabalho contribui diariamente para o desenvolvimento de uma educação de qualidade neste país. Especificamente pensando na Educação a Distância, percebemos como o método freiriano é inspirador, pois, trata da autonomia do aprendiz, da busca incessante do conhecimento, de processos que não se limitam apenas às fórmulas determinadas. Percebe-se que é possível ‘ser mais’ e fazer uma leitura própria do mundo, sobretudo com o apoio fundamental das tecnologias.

A Educação a Distância e os princípios freirianos caminham juntos no que diz respeito à busca pela inovação. A modalidade EaD surgiu como uma forma de atender a demanda da sociedade atual de democratizar as oportunidades

educacionais. Os cursos a distância trazem em sua essência uma série de vantagens que vão desde a flexibilização de horários à inclusão social, contribuindo assim para ampliar o acesso à educação formal. Merece destaque também que nessa modalidade é possível pensar a aprendizagem como um processo ativo, dialógico, colaborativo e flexível, onde a teoria e a prática estão intrinsecamente interligadas. Todas essas características remetem à prática educativa freireana.

Destaca-se que no último ano, com a crise sanitária, a influência do método freiriano mostrou-se fundamental para a compreensão da educação na atualidade. Freire diz que o processo de educação é também um processo de conscientização. E isso ficou muito evidente mediante todos os desafios que enfrentamos neste período. É a conscientização que faz com que os estudantes tenham interesse em participar do processo educacional, saber mais sobre um assunto, buscar mais informações, se desenvolver não apenas como acadêmico, mas como cidadão.

A tendência atual é a Educação a Distância.

De acordo com o Censo da Educação Superior 2019, últi-

mo resultado apresentado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC), 63,2% das vagas ofertadas no ensino superior foram na modalidade a distância. O censo mostrou também que, pela primeira vez na história da educação brasileira, o número de ingressantes em cursos de educação a distância foi maior do que o número do ensino presencial, na rede privada. Dos alunos que ingressaram em instituições particulares, 50,7% optaram por cursos EaD, enquanto 49,3% escolheram o modo presencial.

Quando analisamos a última década, é possível perceber que uma nova configuração da educação superior brasileira foi se tornando mais evidente. É papel dos educadores acompanhar as novas tendências, aprender e contribuir para o processo educacional aproveitando o que existe de melhor em práticas pedagógicas e novas tecnologias. A Educação a Distância é uma possibilidade sem limites, principalmente para quem encara a educação como um processo inesgotável. Nesse ponto, entendemos que a influência do método freireano nos processos que desenvolvemos hoje é presente e se constitui como um diferencial para a qualidade da educação que promovemos.

Ainda de acordo com o último censo, em dez anos o número de estudantes em cursos a distância aumentou 378%. Um aumento que supera as expectativas iniciais, sobretudo considerando que, em 2009, os ingressantes na modalidade EaD representavam 16,1% dos calouros no ensino superior do país. Em 2019, este grupo representa 43,8% do total.

Ao perceber a educação a

distância como um redimensionamento espaço-temporal e uma forma concreta de democratização do ensino, capaz de romper os limites dos programas presenciais, a Resolução nº 73/1998 – CEPE/UEMA aprovou como sua primeira ação a distância o Curso de Licenciatura em Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, o qual propiciou à UEMA credenciamento pela Portaria nº 2.216, de 11 de outubro de 2001 – MEC, para a oferta de cursos superiores nessa modalidade de ensino.

Para a UEMA, a Educação a Distância mostra-se como uma alternativa factível na luta contra os impactos da exclusão social. À medida que oportuniza acesso democrático ao conhecimento, procura promover um amplo processo de transformações técnico-científicas e de reorientação ético-valorativa da comunidade em geral não assistida pelos processos tradicionais de educação formal. Tais propósitos parecem coadunados às ideias do Patrono da Educação brasileira. Atualmente, a UEMA tem aproximadamente 5.000 alunos em cursos de graduação EaD, 2.500 em cursos de pós-graduação lato sensu, 1.000 em cursos técnicos EaD, em 42 polos de apoio presencial em todo Maranhão.

Dessa forma, acredita-se possível projetar que o crescimento da Educação a Distância esteja ainda em franca escalada, considerando os quase 18 meses de distanciamento social impostos pela pandemia. Esse crescimento representa uma oportunidade de melhoria, de investimento e de transformação para a área da Educação como um todo, E reafirmando, assim, as ideias de Paulo Freire de que a Educação é para todos.



Gestão com Autonomia e Empatia

*Maria Goretti Cavalcante de Carvalho**

O Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais – CECEN é um gigante em formação acadêmica, especialmente na formação de professoras e professores do Estado do Maranhão. Congrega vários cursos de licenciaturas e bacharelados de dez grandes áreas do saber, nas modalidades presencial e EaD. Nesse mister, o olhar do CECEN está para uma formação consciente, ética e com empatia, e não pode deixar escapar o que corrobora Freire (2019) quando nos orienta que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Nesse sentido, os esforços estão para a compreensão de que, como gestores, buscamos e procuramos, indagamos e nos indagamos. Somos provocados a pesquisar para constatar; pesquisar para conhecer o que ainda não conhecemos e comunicar ou anunciar novidades (FREIRE, 2019).

As ações institucionais projetadas pelo CECEN para os seus cursos de formação profissional estão alinhadas aos objetivos do

seu Plano de Gestão (2019-2022), que contemplam ação e participação de todos e todas gestores e gestoras, com a força de torção do espiral de mudanças.

Para potencializar as finalidades do CECEN ratificamos a valorização e a manutenção do que há de excelência nos cursos de formação de professores/as e os bacharelados. O envolvimento de todos e de todas é uma convocação permanente na supervisão dos setores e respectivas atividades, com Atenção Especial às dificuldades de cada setor.

Não podemos deixar de pontuar que há participação coletiva dos cursos no gerenciamento da execução das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, o atendimento equânime das demandas dos Departamentos, Cursos de Licenciatura e Bacharelado, Núcleos, Laboratórios, Cursos de Pós-Graduação (Lato Sensu e Stricto Sensu) e demais atividades, fortalece o compromisso com o qual todos e todas dão sentido às suas funções.

Outro ponto importante é o fortalecimento da autonomia dos Departamentos, para que possam exercer suas atividades de

organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal. Isto reflete positivamente nas tomadas de decisão e no pronto atendimento aos cursos e suas demandas.

A atenção a todas as oportunidades, que por ventura possam fortalecer o CECEN, é um cuidado constante. Bem como o diálogo com todos os setores da UEMA, outros Centros de Ciências e Campi para conhecimento e resolução de problemas reais que ameacem as Finalidades do Centro e do seu Bom Funcionamento, em prol da Formação Acadêmica Profissional realizada em seus cursos específicos, e da construção de saudáveis relações de trabalho.

Enfim, o mapeamento, análise e diagnóstico da real e atual situação do Centro, serve constantemente para ativar esta Gestão com a Participação de todos os setores e respectivos Atores. Uma Gestão que trabalha junto, que ensina, que aprende, que pesquisa, que valoriza as produções dos gestores dos cursos e departamentos. Uma Gestão que incorpora a coletividade e compreende que se trata de um ente só. Um Centro de Educação que se aliou às Ciências Exatas e Naturais para que a formação de professores/as se encontrasse em um corpo só, o da Consciência sobre quem forma os formadores, na complexidade de providências de quem forma as outras profissões.

Com o objetivo maior de dinamizar as atitudes da Gestão

Compartilhada e Democrática a tônica das temáticas projetadas para a gestão (2019-2022) do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais – CECEN estão voltadas para o compromisso “Por uma Gestão Ativa e Participativa”; “por uma Gestão Compartilhada de espaços, práticas e ideias” com vistas no “tempo em gestão, com empatia, a arte da convivência e do compartilhamento”. Essas temáticas animam os Encontros de Gestores do CECEN, anualmente. É uma oportunidade de programarmos a nossa agenda de compromissos alinhada com as políticas institucionais de Formação Acadêmica.

Podemos dizer que no CECEN há complementaridade de intenções das várias áreas do saber, dos vários gestores, dos humores e gestos, e revela que essa construção é coletiva e se dá nas relações entre todos os atores sem distinção.

Que deste Centro de Educação, que forma professores e outros profissionais, possa se valer de todas as Ciências para ratificar a empatia e a autonomia na construção do conhecimento da realidade social.

É isso!

**Diretora do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais – CECEN, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.
Prof.^a Adjunta II do Departamento de Educação e Filosofia – DEFIL, do CECEN/UEMA. Doutora em História, pela UNISINOS, Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia, pela UFMA.*



O uso das tecnologias digitais na Educação durante o ensino remoto, sob a ótica de Paulo Freire

Pesquisadoras Wendla Mendes Silva Borges e Ilma Vieira do Nascimento identificam lacunas e oportunidades do trabalho com as Novas Tecnologias da Informação nas práticas em sala de aula, durante a pandemia, a partir dos ideais defendidos pelo educador

O uso das tecnologias digitais na Educação durante o ensino remoto é uma das questões que mais tem despertado debates e chamado a atenção de especialistas, principalmente neste período de pandemia, em que alunos e profissionais da Educação foram levados massivamente ao uso de computadores e aparelhos celulares para as aulas, antes presenciais. As ideias de Paulo Freire podem ajudar a refletir sobre esse fenômeno? De acordo com Wendla Mendes Silva Borges, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEMA e professora do Ensino Fundamental Anos Iniciais de São Luís, e Ilma Vieira do Nascimento, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEMA, Freire trouxe importantes contribuições, com sua visão dos fundamentos do processo educativo, para elucidar essa questão. “O uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem usa, a favor de quem e para quem”, escreveu o educador.

“Dessa forma, incluir e expan-

dir a formação do educador e oferecer acessos à sociedade já era prevista por Paulo Freire como uma possibilidade de ‘expandir a capacidade crítica dos nossos meninos e meninas’. No entanto, o que se pode analisar, decorrente dos estudos e pesquisas que realizamos, é que a formação de professores não tem garantido aos docentes a competência digital suficiente para tornar o ensino remoto confortável, em um evidente o processo de exclusão, da negação de acesso, condição e permanência no caráter educacional e tecnológico”, defendem as professoras Wendla Mendes Silva Borges e Ilma Vieira do Nascimento.

Na visão das duas professoras, se Paulo Freire estivesse vivo, suas percepções sobre o contexto Educação, Pandemia e Tecnologias Digitais teriam significativas contribuições, que provavelmente mobilizariam ainda mais as práticas educativas progressistas dos docentes do Brasil, considerando que seu pensamento defende uma Educação progressista e emancipadora. “Paulo Freire diria que a pandemia que nos levou ao ensino remoto e massivamente ao uso dos equipamentos tecnológicos da informação e da comunicação revelou sobremaneira como a

política e o currículo educacional do Brasil postergaram em pleno século XXI a inclusão social e a formação de professores no âmbito tecnológico”, defendem.

Pesquisa

Para comprovar esta tese, elas realizaram estudos, em 2019 e 2020, em uma escola municipal na Zona Rural de São Luís, para identificar os efeitos que o uso da tecnologia digital na Educação Básica, anos iniciais, ocasionam à prática dos professores. As observações resultaram em uma dissertação e produto técnico tecnológico do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

“Mediante a pesquisa de cunho qualitativa, elaboramos com os professores um blog educacional chamado de Diálogos de professores, contendo um vasto repertório de ferramentas, documentos e orientações sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como a pesquisa foi realizada parte presencial e parte remotamente, a implementação do blog também se concretizou neste meio”, descrevem Wendla Mendes Silva Borges e



Banco de Imagens

Ilma Vieira do Nascimento.

No trabalho com os professores pesquisados, elas testemunharam o desenvolvimento do currículo, desenvolvendo práticas de ensino no período da pandemia e de distanciamento social, o que culminou nas aulas remotas, nas quais os procedimentos atitudinais precisaram ser repensados para que não perdesse seu sentido formativo e inclusivo. “Nossas observações se baseiam na pesquisa e nos estudos realizados com esses professores, na implementação do blog junto com os professores, nas vivências formativas formais durante a pandemia e das reflexões sobre Paulo Freire”, reforçam.

Ideais de Paulo Freire

A partir dos ideais de Paulo Freire, a Educação e Tecnologia podem ser pensadas no sentido de contribuir com as práticas educativas. Portanto, podem ser incorporadas nos processos de ensino e de aprendizagem, já que os aspectos defendidos pelo educador são: o caráter político; o saber da experiência; autonomia, diálogo e emancipação; consciência crítica.

“Os pressupostos de Paulo Freire defendem uma educação liber-

tadora, onde o saber instrumental também é um saber crítico e político, para que os saberes sejam instrumentos mobilizadores da prática educativa. Permite-se afirmar então que educação ao lado da tecnologia digital em tempos remotos, para Freire, só faz sentido se estes aspectos embasarem os processos formais formativos”, defendem Wendla Mendes Silva Borges e Ilma Vieira do Nascimento.

Para elas, percebe-se que estas máximas demandam desafios às práticas presenciais e aos processos de ensino via remota, pois se há uma lacuna entre o conhecimento e a prática defendida por Freire nos processos de formação de Educação Popular e do Jovens e Adultos, imaginemos as barreiras que são transportadas aos processos de aprendizagem remota. “Estas eram as áreas que Freire destinava suas reflexões, portanto, seu conhecimento é válido para todo aquele que pensa ser correto o ensino pautado nos saberes e contexto prévios; que visam um ensino que inclui o excluído; que media os processos de ensino para a conscientização e prática política; que entende o ensino e os resultados das aprendizagens como processos de libertação para o agir, para formar sujeitos ativos no meio”, afirmam as

pesquisadoras.

As professoras Wendla Mendes Silva Borges e Ilma Vieira do Nascimento estimam que a apropriação da cultura digital esteja ao lado dos pressupostos freireanos, pois o espaço digital pode oferecer inclusão e libertação; no entanto, também pode servir como meio de controle ideológico, de alienação social e política. “Cabe aos educadores e à sociedade a vigilância das informações que lhes são transmitidas. Cabe a nós, educadores, o aprimoramento de nossas práticas no uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. O presente nos mostrou a pouca competência técnica que tínhamos e este período de aprendizagens remotas demonstraram que há uma possibilidade e uma pedagogia significativa que pode agregar qualidade às práticas educativas”, afirmam as pesquisadoras. “Cabe aos sujeitos da escola a construção de um currículo que inclua o aluno na cultura digital, apoiando-se nos meios legais e políticos deste direito. A educação é a base de um país, os educadores são as engrenagens que fazem esse país se mobilizar e para se ter qualidade na Educação é preciso que ofereça qualidade aos educadores e educandos”, completam.

Diálogo pedagógico: uma mudança educativa, a partir da promoção de reflexões

Pesquisadora Francisca Jandira Machado Neves relata experiência e observação da importância do diálogo como elemento essencial na construção de posicionamentos, na luta contra o autoritarismo e os conflitos

O diálogo é um dos elementos mais importantes da vida em sociedade. Por este motivo, tem grande relevância para promover o entendimento e a resolução de conflitos que emergem no cotidiano da escola, exigindo vivenciá-lo com dedicação e comprometimento, a serviço da educação. Este é o pensamento da pesquisadora Francisca Jandira Machado Neves, que afirma ser o diálogo um ato pedagógico essencial na construção de posicionamentos, na luta constante contra o autoritarismo. *“A convivência entre os pares, sobretudo, no ambiente educacional, deve prioritariamente, perpassar pelo direito da vivência do diálogo. Ele é primordial, notadamente quando está a serviço da educação, gerando reflexão político-pedagógica; promovendo coletivamente o diálogo em prol da superação de conflitos, como parte determinante de valores primordiais a (re) construção da escola e, conseqüentemente, da sociedade”*, analisa.

Para ela, o diálogo se contrapõe ao silêncio ou à omissão, ao incentivar, valorizar e respeitar os diversos posicionamentos, tendo em vista que o diálogo proporciona perguntas, respostas, dúvidas e esperança. *“O diálogo corresponde aos anseios e reivindicações educacionais históricas de professores que precisam, cotidianamente, comprometer-se com a mudança, sobretudo, em tempos de mais*

incertezas, intensificadas pelo contexto da pandemia”, ressalta Francisca Jandira Machado Neves.

A pesquisadora baseia sua análise em suas vivências de supervisão e docência, tendo por referência igualmente relevante o livro *“Pedagogia: diálogo e conflito”*, escrito por Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães. De acordo com Francisca Jandira Machado Neves, ao longo da leitura dos cinco capítulos, percebe-se que a obra contribui com discussões, no que tange aos processos prioritários de conquista de direitos políticos, notadamente os que dizem respeito à educação. *“O percurso dialógico foi desencadeado pelos questionamentos e perguntas direcionadas para os autores durante as andanças pelo Brasil, fundamentalmente, possibilitadas genuinamente, por meio do diálogo”*, reflete Francisca Jandira Machado Neves.

Diálogo e conflitos

De acordo com a pesquisadora, ao tomar como referência essa obra, fica evidente o debate sobre a importância do diálogo no cotidiano da escola, sem, no entanto, negar a existência dos conflitos, especialmente nos tempos atuais. *“O diálogo é práxis que pode transformar a escola. Todos os países enfrentam os desafios desencadeados desde o início da pandemia. Diversos setores foram afetados, sobretudo a educação, a*

partir da medida de isolamento social. A maioria dos governos fechou as escolas, com o propósito de conter a propagação da pandemia. Além disso, alunos estão sendo impactados severamente no processo de ensino e de aprendizagem”, observa Francisca Jandira Machado Neves.

No contexto da suspensão das aulas em todo o território nacional, durante meses,

Francisca Jandira Machado Neves viu a necessidade de organizar e promover encontros formativos quinzenais de forma on-line. *“Os diálogos pedagógicos foram concebidos numa perspectiva de formação continuada e permanente para a docência, considerando prioritariamente, as demandas específicas dos docentes da instituição de ensino que atuou na supervisão, no que concerne aos desafios do ensino remoto emergencial”*, descreve a pesquisadora. *“A materialização da prática educativa parte de um novo contexto, que exige dos professores um modelo de ensino no qual não foi possibilitado na formação inicial, saberes docentes/profissionais que os capacitassem a agir com mais desenvoltura/segurança nesse cenário de incertezas”*, constata.

Partindo dessa premissa, com o coletivo da escola, Francisca Jandira Machado Neves idealizou os diálogos pedagógicos, com ênfase em estudos das metodolo-

gias ativas para o ensino. Esse contexto desencadeou a situação-problema que orienta a proposta dos encontros formativos em questão. *“Constatei que é urgente e prioritário promover um itinerário formativo para todos os professores da escola, oferecendo-lhes uma oportunidade de aprendizagem no contexto de atuação profissional, sendo que todos os envolvidos poderão aprender com seus pares, ampliando a formação, tendo em vista o processo de fala e escuta, potencializado pelas tecnologias de informação e comunicação”*, descreve.

Construção

Do ponto de vista de Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães, é evidente o poder que os professores constroem intelectualmente em sala de aula, quando assumem o compromisso de promoverem as mudanças necessárias no ambiente escolar. Nas vivências dos diálogos pedagógicos, a docência/supervisão/gestão coletivamente constroem saberes para materializar o ensino remoto, possibilitando aos alunos a continuidade dos estudos, como parte determinante de valores primordiais a (re) construção da escola.

“Vale sublinhar a capacidade humana de ressignificar a luta para garantia do direito à educação, seja no ambiente presencial ou on-line. Foi isso que fizemos: juntos, construímos uma nova configuração de ensino por meio do engajamento, mediado pelo diálogo pedagógico, promovendo reflexões para uma mudança educativa”, explica Francisca Jandira Machado Neves.

A pesquisadora afirma que o conceito de diálogo em Freire é muito forte, pois esclarece que só existe liberdade plena quando o indivíduo se liberta da consciência ingênua, da ideologia dominante. *“O diálogo é uma expressão do pensamento, que nos possibilita uma reflexão*

político-pedagógica, contrapondo-se ao silêncio/omissão. Nosso compromisso na supervisão perpassa por concebê-la a serviço da docência, sobretudo, incentivando, valorizando e respeitando os diversos posicionamentos dos professores” afirma. *“É imprescindível olhar a escola / sociedade com os próprios olhos, notadamente em contextos de crise”*, reforça.

Caminhada coletiva

Francisca Jandira Machado Neves constata que não há prática educativa ausente de diálogos e conflitos. Assim, lembra que existe uma linha tênue que separa esses dois elementos, o que significa que essa linha desencadeia limitações, dúvidas e julgamentos. *“De acordo com as concepções de Freire, o diálogo e o conflito fazem parte simultaneamente do processo pedagógico. Para Paulo Freire, o diálogo, a leitura, a compreensão leitora e as relações sociais contribuem decisivamente para a promoção de uma ação educativa de caráter libertador para todos os envolvidos no contexto educacional e social”*, ressalta a pesquisadora.

Ela completa que o diálogo pedagógico vivenciado autenticamente no ambiente escolar pacifica os possíveis conflitos, buscando na relação dialógica entre docência e supervisão a superação dos conflitos inerentes à prática educativa por meio de uma conduta ética. *“Certamente, essas considerações colocam em evidência às experiências dos processos de ensinar e aprender, dos processos de refletir, escrever, falar e escutar, estimulando a participação de alunos, professores, gestão e supervisão em favor das transformações democráticas da escola e, conseqüentemente, da sociedade, buscando incessantemente a superação das injustiças educacionais e sociais”*, finaliza Francisca Jandira Machado Neves.



POEMA GENTIL

Hoje eu vou falar com clareza de uma tal gentileza.
Porque a humanidade não viu, ela pensa que nunca existiu.
No entanto, o ir e o vir nos dar a oportunidade de dar toques afinados de pura cordialidade.
Em meio ao estresse do dia a dia, o mundo sofre de miopia...sem ter como enxergar, não consegue fazer o amor brotar.
Somos seres pensantes, cujo convívio precisa ser radiante.
Me engrandeço em contato com o outro, e com essas lições me torno um bom moço.
A vida revela uma infinita beleza e com gestos simples de amor surge então essa tal gentileza.

ONDE ESTÁ A CANETA?

Em meio à influência dos dispositivos digitais, surge o fenômeno da caneta azul. No entanto, retrata também algo preocupante no contexto dos apagões intelectivos.
Canetas são de uma forma ou outra, símbolo de poder. Uma canetada pode representar a mudança na vida de muitas pessoas. Faz chorar e rir, faz perder e ganhar, pode até matar, mas também salvar. Constituições, decretos, leis, são referendados pela ação de uma caneta. Sonhos são concretizados, acordos são pactuados.
Uma caneta é o instrumento da manifestação de vontade humana. Palavras ditas o vento leva... palavras escritas, jamais, pois são eternizadas. Uma caneta vai transmitir o que deseja seu detentor: o bem, o mal, o tudo ou o nada.
Alguns têm respeito pela tinta da caneta, pois sua assinatura lhes custou caro e tem uma bela carga de credibilidade. Para estes, a caneta será sempre o símbolo da verdade, da transparência e do bem.
Entretanto, para outros nem tanto, pois usam o poder para manipular, transgredir, favorecer. Estes,

imediatamente traduzem aos seus leitores carga zero de confiança. Vale ressaltar que um consolo existe às canetas. Elas jamais serão as culpadas. Culpados serão seus condutores, seus mentores, seus donos.
A tinta da caneta, azul, preta, vermelha, verde, pouco importa, a sua ação e intenção por meio do seu manipulador é que revelará a qual uso ela se destina. Se é pra sangrar, corromper ou trazer paz, levar justiça e igualdades, espalhar amor. Portanto, onde está sua caneta? E qual fim dará a ela?

SOU PROFESSOR... VOCÊ SE RECONHECE?

Os tempos pedem mais de todos nós. E nesse contexto surge o guardião de todas as profissões, o que direciona, aponta caminhos... o nobre PROFESSOR.
Como diria nosso saudoso Paulo Freire: "O educador se eterniza em cada ser que educa".
Ser de luz cujo clarão irradia o sonho de muitos.
Esperança viva na construção de um mundo melhor.
O Professor também falha, é um ser humano sujeito a erros, mas não se abate e continua a estrada das descobertas e do conhecimento.
Sua maior virtude, estender a mão a quem precisa, mesmo diante das dificuldades e obstáculos, é um motivador de sonhos.
O Professor dar asas e planeja voos de cidadãos com a incumbência de transformar o mundo em sua volta.
Professor, gente como a gente, mas que se diferencia pelo poder de doar, amar e ser luz no horizonte das incertezas da vida.
A ti dedico esses pequenos rabiscos como agradecimento da base de meu caráter e minha formação.
Parabéns, profissão professor que dentre todas é o alicerce da conjuntura das outras.
Reconhecimento tem de todos aqueles que confiam na educação como a maior arma de libertação e transformação de um povo.
O professor é a nobreza das profissões e que valores sejam agregados na sua missão diária.
Sou PROFESSOR, você se reconhece?

AGREGAR...

As pessoas que encontramos em nosso caminho sempre agregam alguma coisa.
Coisas boas e ruins são depositadas em nossa experiência diária em contato com o outro.
Tenha o cuidado de filtrar aquilo que vai compor sua personalidade.
E também o cuidado de deixar coisas boas no caminho aos outros para que evoluem como pessoa.
O caminho é intrínseco, agrego e sou agregado.
Doe amor, respeito, compaixão, sensibilidade para agregar humanidade visceral, ao ponto de perceber que tudo que plantas, cresce, floresce e dar frutos.
É a nossa fagocitose dinâmica humana imbuída nas relações com o outro.
Não se pode cobrar amor e companheirismo, se você não os deixa em suas relações com o outro.
Sejamos menos discursos e mais ações.
Quem semeia cortesia, colhe amizade, e quem planta amabilidade, colhe amor.
Vamos agregar coisas boas a quem encontrarmos no caminho.
Agregue, agregue...

Poemas por
Luciano Freire



Por Silvana Meneses

um homem
um educador
um farol
no mundo, nas mentes
de linguagem alada
com amor e liberdade
na coragem de
transformar
amanhãs e horizontes
em que janelas se abrem
dando sentido às vidas
que vislumbram
a luz do saber.

Silvana Lourença de Meneses é doutora em Zootecnia pela Universidade do Estado de São Paulo - Unesp e é professora titular da Universidade Estadual do Maranhão - Uema.

Por Larissa Pinheiro

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

Filho da Veneza brasileira
Libertou-se das amarras alienantes
Lutou com exímia bravura
E a expansão mundial conquistou
Sublevou do campo à cidade
Com diálogo rompeu padrões
Instigou a criticidade e criou possibilidades
Para a educação triunfar
Exemplo à quem ousar ensinar
Esperança para a educação popular
Seu legado é um ideal libertário
Para a transformação social
Paulo Freire, ó grande mestre
Sua luta floresceu e perdurará
Pois a bandeira que hasteaste
Jamais fenecerá.

Larissa Christine Pinheiro Nunes é Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Pós-graduanda do Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPG/UEMA



Um grande Educador,
Criador do Método Inovador,
No ensino da alfabetização,
Beneficiava a nação,
Sua teoria não ficava só no Brasil,
Sua reflexão admirável,
Foi levada a outros países,
Pernambucano, amável e gentil.

O centenário de Paulo Freire,
Uma série de recordação,
Sua missão,
Era promover educação,
Principalmente na alfabetização,
Em apenas um mês,
Trezentas pessoas alfabetizou,
Quando pequeno,
Sua mãe a leitura lhe ensinou,
Obras excelente,
Paulo Freire deixou.

Ele não mais está presente,
Sua reflexão, citações e frases,
Ensina muita gente,
Falando em Paulo Freire,
Sua pedagogia da autonomia,
Escrevemos essa poesia.

Francisca Basílio e Francisco Romário Cunha de Araújo

Paulo Freire

100 anos

Um novo tempo para a Educação brasileira



No Ano do Centenário de Paulo Freire,
uma pausa para a reflexão – por sinal,
uma das bases dos seus ensinamentos.

O educador brasileiro trouxe uma nova Era
para a Educação, com novos valores e
uma visão diferenciada: humanizadora,
igualitária e inclusiva – modelo para todo
o mundo!

Ao considerar a Educação como uma
prática libertadora, Paulo Freire nos traz
uma noção mais crítica, transformadora e
diferencial, muito além do currículo
tradicional utilizado até então pelas
escolas.

Conforme nos ensina o Mestre, através do
despertar da consciência dos educadores
e da emancipação dos educandos,
poderemos modificar a sociedade em que
vivemos.



Comitê 100 de Paulo Freire
O vínculo da educação com a
indignação e a esperança

Resolução CEE/MA Nº 157/2020.



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
DO MARANHÃO



PROGRAMA ENSINAR

Formação ética,
responsável
e de qualidade

Inspirados nos exemplos de Paulo Freire, de quem comemoramos o Centenário neste ano, os valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento são a base do Programa Ensinar - Programa de Formação de Professores.

Em um diálogo constante entre diferentes visões de mundo, o Programa da Universidade Estadual do Maranhão promove a formação docente para a educação básica.

O resultado é o benefício geral para a sociedade, com a atuação de educadores capazes de propagar valores responsáveis e comprometidos com a qualidade do ensino e a melhoria dos indicadores educacionais e sociais.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

